

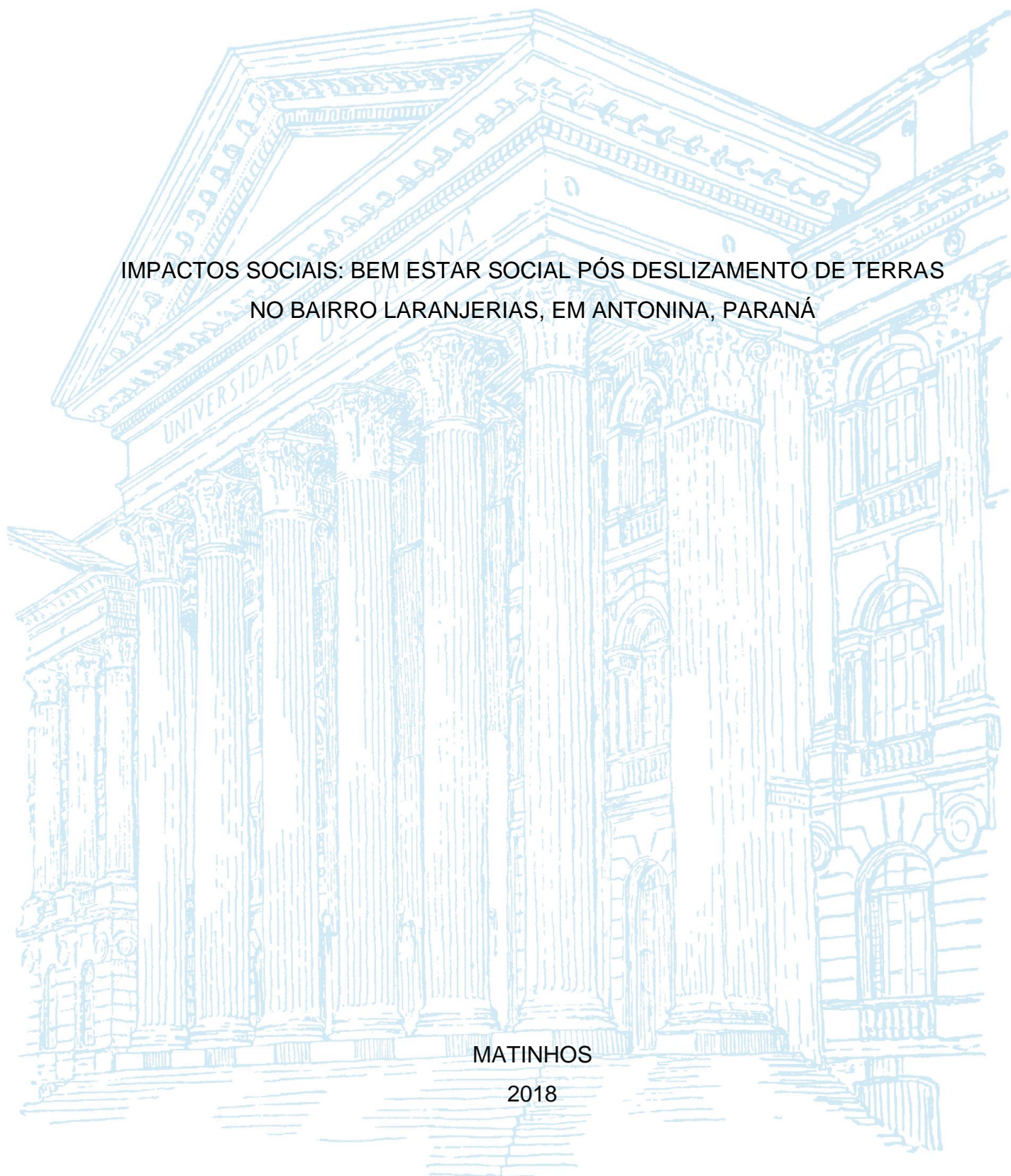
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CRISTOFFER SEIBERT GROSSE

IMPACTOS SOCIAIS: BEM ESTAR SOCIAL PÓS DESLIZAMENTO DE TERRAS
NO BAIRRO LARANJERIAS, EM ANTONINA, PARANÁ

MATINHOS

2018



CRISTOFFER SEIBERT GROSSE

IMPACTOS SOCIAIS: BEM ESTAR SOCIAL PÓS DESLIZAMENTO DE TERRA NO
BAIRRO LARANJEIRAS, EM ANTONINA, PARANÁ

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação Tecnologia em Gestão Imobiliária, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Imobiliária.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Angelin

MATINHOS

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

CRISTOFFER SEIBERT GROSSE

IMPACTOS SOCIAIS: BEM ESTAR SOCIAL PÓS DESLIZAMENTO DE TERRA NO
BAIRRO LARANJERIAS EM ANTONINA PARANÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Tecnologia em Gestão Imobiliária, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Imobiliária, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Paulo Eduardo Angelin
Orientador – Setor Litoral da Universidade Federal, UFPR.

Prof. Dra. Andrea Máximo Espínola
Setor Litoral da Universidade Federal, UFPR

Prof. Dra. Helena Midori Kashiwagi
Setor Litoral da Universidade Federal, UFPR

Matinhos, 29 de novembro de 2018.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo a vida valer sempre a pena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço prioritariamente a Deus por sempre manter minha sanidade, minha calma e minha paz, sempre me dando forças para enfrentar as dificuldades.

Aos meus pais, Marcos e Claudia, por acreditarem em mim, nos meus estudos e na minha capacidade, serei eternamente grato.

Aos meus irmãos, José e Joyce, por estarem sempre ao meu lado.

À minha companheira Luana, por sempre me incentivar e estar comigo nas dificuldades.

Aos meus colegas de curso, em especial aos meus grandes amigos Marcos, Kelly e Andressa, vocês foram fundamentais para que eu chegasse até aqui, minha eterna gratidão.

Ao meu Orientador Professor Dr. Paulo Eduardo Angelin, pela paciência, amizade, ética e excelente profissionalismo. Suas orientações foram muito valiosas para o meu conhecimento, sem o qual nada disso seria possível.

Aos professores da banca de defesa pela disposição em participar e por todas as contribuições realizadas.

A todos os professores do Curso de Graduação Tecnologia em Gestão Imobiliária, pelos ensinamentos compartilhados ao longo desses anos.

À Universidade Federal do Paraná-Setor Litoral, que oportunizou esta janela em que hoje vislumbro um horizonte superior, frisando a ética e qualidade do ensino presente na instituição.

Aos antigos moradores do Bairro Laranjeiras, pela atenção e por dispor de dados a respeito de suas vivências, esta pesquisa é em respeito a vocês.

À representante da Secretaria de Obras de Antonina engenheira Luzia e ao Arquivo Municipal, pelo fornecimento de referências e dados.

*Uma mente necessita de livros da mesma forma que uma
espada necessita de uma pedra de amolar se quisermos que se mantenha afiada.
(George R.R. Martin, A Game of Thrones, 1996)*

RESUMO

No mês de março de 2011, mais precisamente no dia 11, a cidade de Antonina no Litoral do estado do Paraná sofria com enchentes e deslizamento de terras em diversos pontos da cidade. Um dos locais mais atingidos na época foi o Bairro Laranjeiras, em específico, uma povoação que adentrava à encosta de um morro da cidade, o Morro do Bom Brinquedo. Na ocasião, diversas pessoas ficaram desabrigadas, perderam suas moradias, seus bens materiais e em alguns casos ocorreram até mortes. A partir disto, a presente pesquisa buscou compreender quais foram os impactos sociais enfrentados pelas pessoas que viviam no Bairro, e se estes ainda sofrem com estes impactos atualmente. A pesquisa é muito importante para a cidade de Antonina, tendo em vista que é o maior desastre ambiental já registrado na região, nunca sendo feito uma pesquisa junto aos moradores que povoavam o antigo Bairro. Para se alcançar o resultado esperado foram definidos alguns objetivos específicos, os quais foram respondidos por processos metodológicos embasados em pesquisa bibliográfica e pesquisas de campo de cunho qualitativo e quantitativo. Em relação à pesquisa bibliográfica, foi decorrente de uma revisão de literatura em livros, teses, artigos e etc. sendo focada em temas específicos a questões ambientais, sociais e urbanas. Já a pesquisa de campo se deu pela aplicação de um questionário, da entrevista informal e do cadastro de coordenadas geográficas para auxílio da análise de alguns dados. Com base nos dados trabalhados, notou-se mudanças na vida das pessoas em relação ao contexto urbano, principalmente com a segurança e mobilidade. Verificou-se também uma falta de políticas públicas das gestões municipal para com o Bairro e com as pessoas que ali viviam, tendo em vista que poderiam ser adotadas medidas para que o desastre fosse evitado. Compreende-se que a partir do momento que o homem passa a viver em sociedade, principalmente no contexto atual urbano, impactos e diversos problemas são gerados. Alguns desses problemas estão relacionados ao meio ambiente, como ocorreu no Bairro Laranjeiras. Percebe-se também como o contexto urbano e seu planejamento estão relacionados diretamente com o campo de atuação do Gestor Imobiliário, uma mão de obra que deve pensar no bem-estar da cidade e do meio ambiente, não visando apenas ganhos econômicos.

Palavras-chave: Impacto social. Impacto ambiental. Bairro Laranjeiras. Antonina. Deslizamento.

ABSTRACT

In March 2011, more precisely on the 11th, the city of Antonina on the coast of the state of Paraná suffered from floods and landslides in various parts of the city. One of the most affected places at the time was the Laranjeiras Neighborhood, in particular a village that entered the slope of a hill of the city, Morro do Bom Brinquedo. At that time several people were left homeless, lost their homes, their material possessions and in some cases even occurred to deaths. From this, the present research sought to understand what the social impacts faced by the people who lived in the neighborhood, and if these still suffer with these impacts currently. The survey is very important for the city of Antonina, considering that it is the biggest environmental disaster ever recorded in the region, never being done a survey with the residents who populated the old neighborhood. In order to achieve the expected result, some specific objectives were defined, which were answered by methodological processes such as bibliographical research and qualitative and quantitative field surveys. The bibliographic research was done through a review of literature in books, theses, articles and etc. being focused on specific themes to environmental, social and urban issues. On the other hand, the field research was carried out by the application of a questionnaire, the informal interview and the geographical coordinates register to aid in the analysis of some data. Based on the data, we noticed changes in people's lives in relation to the urban context, mainly with safety and mobility. There was also a lack of public policies on municipal management of the neighborhood and the people living there, since measures could be taken to prevent the disaster from being avoided. It is understood that from the moment that man starts to live in society, especially in the current urban context, impacts and various problems are generated. Some of these problems are related to the environment, as occurred in the Laranjeiras Neighborhood. It is also noticed how the urban context and its planning are directly related to the Real Estate Manager's field of action, a workforce that should think about the city's well-being and the environment, not just for economic gains.

Keywords: Social impact. Environmental impact. Neighborhood Laranjeiras. Antonina. Slipping.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 – CASÁRIO HISTÓRICO E IGREJA MATRIZ..... | 30 |
| FIGURA 2 – MORRO DO BOM BRINQUEDO E ENTORNO | 33 |
| FIGURA 3 – VISTA DO MIRANTE DA PEDRA AO FINAL DA TARDE | 34 |
| FIGURA 4 - AVENIDA DE ACESSO AO BAIRRO LARANJEIRAS..... | 34 |
| FIGURA 5 - ANTONINA NO PERÍODO DE EXPORTAÇÃO DA ERVA MATTE, A DIREITA ONDE ATUALMENTE SE ENCONTRA A AVENIDA LEOVEGILDO DE FREITAS..... | 35 |
| FIGURA 6 - POVOAMENTO ANTIGO BAIRRO LARANJEIRAS..... | 36 |
| FIGURA 7 - ANTIGA FONTE DO LARANJEIRAS..... | 36 |
| FIGURA 8 - ROMEIROS VISITANDO FONTE DA LARANJEIRAS..... | 37 |
| FIGURA 9 - MORADIAS DESTRUÍDAS NO BAIRRO LARANJEIRAS..... | 38 |
| FIGURA 10 - PROCESSO PARA EROSÃO POR FATORES NATURAIS E ANTRÓPICOS..... | 40 |
| FIGURA 11 - QUANTIDADE DE TERRA SOB AS MORADIAS NO BAIRRO LARANJEIRAS..... | 41 |
| FIGURA 12 - GEORREFERENCIAMENTO DA MORADIA ATUAL DOS RESPONDENTES..... | 61 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| GRÁFICO 1 – NATURALIDADE DOS MORADORES..... | 48 |
| GRÁFICO 2 – QUANTIDADE DE MORADORES | 48 |
| GRÁFICO 3 - QUANTIDADE DE PESSOAS EXERCENDO ATIVIDADE REMUNERADA NA MORADIA DOS ENTREVISTADOS..... | 49 |
| GRÁFICO 4 - RENDA NÃO PROVENIENTE DO TRABALHO..... | 50 |
| GRÁFICO 5 - SITUAÇÃO ECONOMICA ATUAL É MELHOR..... | 51 |
| GRÁFICO 6 - QUANTIDADE DE DORMITÓRIOS..... | 52 |
| GRÁFICO 7 - QUANTIDADE DE DORMITÓRIOS..... | 52 |
| GRÁFICO 8 - QUANTIDADE DE BANHEIROS..... | 53 |
| GRÁFICO 9 - QUANTIDADE DE BANHEIROS..... | 53 |
| GRÁFICO 10 - INFRAESTRUTURA URBANA..... | 55 |
| GRÁFICO 11 - INFRAESTRUTURA URBANA..... | 55 |
| GRÁFICO 12 - PROXIMIDADE E SEGURANÇA..... | 56 |
| GRÁFICO 13 - PROXIMIDADE E SEGURANÇA..... | 56 |
| GRÁFICO 14 - PAVIMENTAÇÃO..... | 57 |
| GRÁFICO 15 - MORADIAS COHAPAR..... | 58 |
| GRÁFICO 16 - MOTIVOS PARA NÃO MORAR NAS MORADIAS COHAPAR..... | 59 |
| GRÁFICO 17 - MORADIAS NÃO CEDIDAS PELO GOVERNO..... | 59 |
| GRÁFICO 18 - TEMPO DE RESIDÊNCIA..... | 60 |
| GRÁFICO 19 - VISÃO PESSOAL DOS MORADORES..... | 62 |
| GRÁFICO 20 - DOCUMENTAÇÃO DOS IMÓVEIS NO LARANJEIRAS..... | 63 |
| GRÁFICO 21 - POSICIONAMENTO DOS ÓRGÃOS PÚBLICOS..... | 65 |
| GRÁFICO 22 - ASSISTÊNCIA DO GOVERNO..... | 66 |
| GRÁFICO 23 - DANOS E PERDAS..... | 66 |
| GRÁFICO 24 - PESSOAS QUE TIVERAM DOENÇAS PSICOLÓGICAS..... | 67 |

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

| | |
|----------|--|
| 3R's | – Reduzir, Reciclar e Reutilizar |
| CONAMA | – Conselho Nacional do Meio Ambiente |
| AIA | – Avaliação de Impacto Ambiental |
| EIA | – Estudo de Impacto Ambiental |
| RIMA | – Relatório de Impacto Ambiental |
| IBGE | – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IBAMA | – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente |
| SISNAMA | – Sistema Nacional do Meio Ambiente |
| ADEMADAN | – Associação de Defesa do Meio Ambiente e do Desenvolvimento de Antonina |
| COHAPAR | – Companhia de Habitação do Paraná |
| IPHAN | – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| IPEA | – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 1.1 | JUSTIFICATIVA | 15 |
| 1.2 | PROBLEMA DE PESQUISA | 16 |
| 1.3 | OBJETIVO..... | 17 |
| 1.4 | METODOLOGIA..... | 17 |
| 1.5 | INDICAÇÃO DOS CAPÍTULOS..... | 17 |
| 2 | CONCEITUANDO O TERMO SOCIAL | 19 |
| 3 | O SER HUMANO E O MEIO AMBIENTE..... | 22 |
| 3.1 | CONCEITUANDO IMPACTO AMBIENTAL | 24 |
| 3.2 | CLASSIFICAÇÕES DE IMPACTO AMBIENTAL | 26 |
| 3.3 | CONCEITUANDO ÁREAS DE RISCO | 28 |
| 4 | CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO - Antonina Paraná..... | 30 |
| 4.1 | BAIRRO LARANJERIAS..... | 32 |
| 4.2 | O DESASTRE DE 11 DE MARÇO DE 2011..... | 38 |
| 5 | MATERIAL E MÉTODOS..... | 44 |
| 6 | PÓS DESASTRE AMBIENTAL NO BAIRRO LARANJEIRAS – LEVANTAMENTO DE DADOS REALIZADO JUNTO AOS MORADORES | 47 |
| 6.1 | NATURALIDADE E QUANTIDADE DE MORADORES POR RESIDÊNCIA | 47 |
| 6.2 | FATORES ECONÔMICOS..... | 49 |
| 6.3 | ANÁLISE COMPARATIVA: MORADIAS ATUAIS E ANTERIORES..... | 51 |
| 6.4 | INFRAESTRUTURA URBANA..... | 54 |
| 6.5 | MORADIAS CEDIDAS PELO GOVERNO..... | 57 |
| 6.6 | VISÃO PESSOAL DOS MORADORES A RESPEITO DA MORADIA NO BAIRRO LARANJEIRAS..... | 60 |
| 6.7 | O DESASTRE PELA PERSPECTIVA DOS MORADORES..... | 63 |
| 6.8 | RELATOS PESSOAIS: MARCAS DE 11 DE MARÇO DE 2011..... | 67 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 71 |
| | REFERÊNCIAS..... | 74 |
| | ANEXO A - REFERÊNCIAS A FONTE DA LARANJEIRA, DADOS DISPONIBILIZADOS PELO ARQUIVO MUNICIPAL DE ANTONINA..... | 77 |

**ANEXO B - PLANTAS E DESCRIÇÃO SOBRE AS MORADIAS
COHAPAR, DADOS DISPONIBILIZADOS PELA SECRETÁRIA DE OBRAS DE
ANTONINA.....82**

**ANEXO C - CARTA DE DOAÇÃO DE TERRENO POR PARTE DA
PREFEITURA MUNICIPAL (1956), DADO DISPONIBILIZADO PELO ARQUIVO
MUNICIPAL DE ANTONINA.....93**

1 INTRODUÇÃO

O século XX se destaca como um dos períodos marcantes, onde o cenário urbano brasileiro mais se modificou e cresceu. A instalação das grandes indústrias, implantação de novas tecnologias, e outros atrativos que as cidades ofereciam, fez o ser humano deixar o campo em busca por melhores condições de vida. Foram registrados alguns períodos (1940 a 1960 por exemplo), onde a população das cidades crescia mais que a população total (LOPES 2008).

Como o crescimento destas cidades se tornou tão intenso, nem sempre elas estavam prontas e/ou capacitadas para atender estas demandas, a então chamada urbanização (período em que a população das cidades se torna maior que a do campo), por falta de planejamento, trouxe à tona diversos problemas sociais: ocupação desordenada e em áreas de risco, violência, impactos ambientais, desigualdade social, segregação social, e diversos outros (OLIVEN 2010).

Um dos fatores relevantes fez com que as famílias recém-chegadas nas cidades optassem por lugares impróprios e de risco, como encostas de morros. Outra questão norteadora é o fato de não ter a renda suficiente para se adequar em regiões e centros mais urbanizados. Após se instalarem nesses locais considerados de riscos, é iniciada uma ação direta do ser humano sobre o meio ambiente, uma vez que áreas são modificadas, perdem o seu estado natural e as pessoas estão sujeitas à riscos muitas vezes sem saber, como argumenta Mendonça (2010).

Em cidades pequenas este cenário é muito comum, pois a cidade cresce, mas a infraestrutura não acompanha tal crescimento. Deste modo o poder público não tem total eficácia em alguns serviços urbanos como, por exemplo, o de fiscalização de áreas de risco.

Em março de 2011, chuvas intensas assolaram algumas cidades costeiras no litoral do Paraná, inclusive Antonina, como descrevem Lopes e Souza (2012). Os autores explicam que um desastre natural ocorre entre a interação de um evento extremo e atividades humanas. Desse modo se deu o acontecimento no Bairro Laranjeiras em Antonina, com a povoação da encosta do morro do bom brinquedo, o solo foi diretamente afetado. Com o solo menos resistente na área, devido a atividade humana, o evento extremo de intensas chuvas causa pressão no solo, ocasionando o desastre natural deslizamento de terra (WORKSHOP ECOPOLIS 2012).

O Bairro foi um dos locais mais afetados em Antonina - PR, na época, que teve praticamente perda total; dezenas de famílias ficaram desabrigadas, perderam suas casas, todos ou a maioria de seus bens materiais.

Cardoso e Arruda (2016) explicam que as ocupações em áreas de risco como encosta de morros, ocorrem pelo crescimento de uma cidade, onde, as melhores áreas são ofertadas ao mercado imobiliário e conseqüentemente as pessoas com melhores condições. Considera-se também a “falta de um planejamento urbano adequado para suprir as necessidades da maior parte da população” (Cardoso e Arruda pg. 2), bairros como o Laranjeiras se desenvolvem sem um acompanhamento e cuidado adequado, por parte do poder público.

A partir deste cenário surgiu a proposta da pesquisa, que procurou conhecer e compreender a realidade vivida pelas pessoas que moravam no bairro e o impacto social que este acontecimento local, hoje esquecido, trouxe na vida de cada um na época do deslizamento e que ainda os afeta, de algum modo, nos dias atuais.

1.1 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa buscou levantar e compreender quais foram os impactos sociais enfrentados pela população do Bairro Laranjeiras, em Antonina, Paraná, devido aos deslizamentos de terras ocorridos em 2011. O Bairro chamava uma atenção especial por ser povoado na encosta do morro do Bom Brinquedo. Contava com uma localização privilegiada, próxima ao centro histórico da cidade e praticamente na entrada de um dos pontos turísticos mais belos da cidade, o mirante da pedra.

Percebe-se que em Antonina-PR, falta estudos de caráter social e científico sobre tudo que ocorreu na época, sendo muito negativo, já que a cidade é rodeada por estas áreas rurais de grandes morros e encostas.

A pesquisa é muito importante para a cidade de Antonina - PR, tendo em vista que o ocorrido ficará para sempre marcado na memória da cidade, pois é considerado o maior desastre ambiental e social da região, ou seja, tem uma relevância histórica, ambiental e social.

É também importante para o campo de atuação do Gestor Imobiliário, já que o ocorrido teve influência direta da ocupação em áreas de risco, tendo em vista que

o gestor pode lidar com situações como esta, ao trabalhar na área de planejamento urbano, por exemplo.

O ocorrido gerou destruição em residências, pessoas desabrigadas e até mesmo mortes. Em seguida, ocorreu a mobilização do Governo para realocar essas famílias, movimentando também o mercado da construção civil, planejamento urbano e imobiliário.

A parte ambiental e social é um dos campos profissionais para o Gestor, na área de planejamento urbano. Partindo do pressuposto, que com um bom planejamento, vendas em locais regularizados, não pensando apenas em lucro, mas também no bem-estar social, situações graves como essa talvez possam ser evitadas pelo profissional.

Desse modo, quando ocorre a procura por construir ou comprar imóveis em locais sem risco, é quando entra em cena a busca por uma mão de obra especializada para se prevenir de problemas futuros. Dessa forma, poderá ser também um dos campos onde o Gestor atuará.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Após o deslizamento de terras ocorrido em março de 2011 em Antonina-PR, a maioria dos moradores do bairro do Laranjeiras perderam suas casas, seus bens e em alguns casos até familiares e amigos. Sendo assim, suas vidas, a partir desse acontecimento, foram afetadas diretamente. Esse desastre ambiental, possivelmente, trouxe à tona diversos impactos sociais na vida dessas pessoas.

De acordo com esses fatores, quais foram as consequências sociais do deslizamento de terras ocorrido em março de 2011 para a população do Bairro Laranjeiras, em Antonina, estado do Paraná?

1.3 OBJETIVO

O objetivo geral teve como foco identificar quais foram ou são os impactos sociais enfrentados pelas famílias do bairro laranjeiras em Antonina-PR pós desastre ambiental. Para se obter o resultado de tal objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e analisar conceitos sociais e ambientais;

- Compreender e contextualizar o Bairro Laranjeiras;
- Levantar o que ocasionou o desastre ambiental no Bairro Laranjeiras;
- Analisar onde (local) essas famílias foram realocadas (caso tenham sido).

1.4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para levantar dados do presente trabalho, fundamentou-se em pesquisa de caráter bibliográfico, pesquisa de campo qualitativa e quantitativa, georreferenciamento de dados geográficos, análise dos dados e discussões.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica focou em abordar definições e temas essenciais para desenvolvimento da pesquisa, mais precisamente em questões sociais e ambientais, entendendo a interação do ser humano em sociedade com o meio em que vive. Ainda com a pesquisa bibliográfica, foram levantados dados sobre a contextualização da área de estudo, abordando contexto histórico da cidade de Antonina - PR e do Bairro Laranjeiras.

A pesquisa de campo, por sua vez, se deu por dois métodos diferentes o quantitativo e o qualitativo, conforme já mencionado. A pesquisa de campo quantitativa contou com a aplicação de um questionário a quatorze ex-moradores do Laranjeiras, abordando questões importantes como de infraestrutura urbana. Já a pesquisa qualitativa se deu por meio de entrevista informal com moradores selecionados a partir dos quatorze que foram aplicados os questionários.

Todos os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo, serão aprofundados com detalhes, incluindo toda sua fundamentação, no capítulo 5.

1.5 INDICAÇÃO DOS CAPÍTULOS

A presente pesquisa se encontra estruturada em cinco capítulos, estes abordando temas diferentes, com discussões de conteúdo de pesquisas bibliográficas e de campo.

O segundo capítulo apresenta uma introdução a conceitos e termos relacionados a sociedade e ao ser social, tendo em vista que o estudo trata de “impactos sociais” o capítulo visa introduzir o leitor ao tema. Logo em seguida, no terceiro capítulo, é abordado a identificação das relações entre o ser humano e o

meio ambiente, conceituando também os termos ambientais, especificamente o termo impacto ambiental, sabendo que essa relação (ser humano e meio ambiente) é necessária para o entendimento do ocorrido em 2011 no Laranjeiras.

Dando continuidade, o quarto capítulo caracteriza e contextualiza a área de estudo da pesquisa, para isto apresenta itens como fotos e registros, todos discutidos em detalhes sobre a cidade de Antonina - PR e sobre o Bairro Laranjeiras, abordando peças essenciais como, por exemplo, localização e processo histórico. Ainda no mesmo capítulo, é levantado como se deu o deslizamento de terras, mostrando todo o processo para que ocorresse o mesmo em março de 2011 no bairro.

Entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo está presente os materiais e métodos utilizados, no quinto capítulo. Todos os métodos científicos presentes neste estudo são expostos, discutidos e referenciados com detalhes no capítulo, sendo estes, peças essenciais para desenvolvimento do presente trabalho científico.

Por fim, o sexto capítulo introduz ao trabalho a pesquisa de campo qualitativa e quantitativa, trazendo todas as coletas de dados, análises e discussões realizadas junto aos ex-moradores do antigo bairro, mostrando o processo de mudança do seu modo de vida, comparando atualmente com a época em que residiam no Bairro Laranjeiras situado em Antonina - PR.

2 CONCEITUANDO O TERMO SOCIAL

Para chegar ao desenvolvimento social atual, o ser humano passou por diversos processos de evolução conhecidos: agricultura, escrita, divisão do trabalho, criação de cidades dentre outros. O presente capítulo busca descrever, de maneira sintética, alguns desses processos sociais do ser humano, e também definir alguns conceitos sociais, tendo em vista que a presente pesquisa aborda o tema “impacto social”, o capítulo visa proporcionar ao leitor, um breve conhecimento introdutório ao tema.

Quando falamos na evolução do ser humano, devemos levar em conta que isso foi possibilitado através de seu modo diferente de raciocinar, se comparado a outras espécies, sempre visando atender suas necessidades: moradia, alimentação, vestimenta e etc., como comenta Merksenas (1994). Após aprender a utilizar objetos da natureza a seu favor, o desenvolvimento continuou com a utilização de ferramentas, pois se protegendo e construindo objetos nasce a primeira forma de trabalho. Merksenas (1994, pg. 36) diz “atividade que exige do gênero humano o uso constante das capacidades mentais e físicas na construção dos meios que possibilitem a sobrevivência”.

O ser humano continua a se desenvolver, um processo que leva milhares de anos, aperfeiçoando todos seus hábitos e lidando com novas maneiras de viver, como a criação da linguagem e utilização de novas tecnologias como o fogo e o metal. O trabalho faz com que o ser humano busque civilidade, interagindo direto com o meio natural, cita Merksenas (1994, pg. 37) “a partir do momento em que transforma a natureza, o homem também se transforma. A natureza, por sua vez, passa a trazer as marcas da ação humana”.

Sposito (2005), aborda o período em que o ser humano deixa de ser nômade e passa a se fixar nos lugares, transformando a natureza a sua volta de acordo com o que necessita. É dado início a organização de grupos, criação de animais, desenvolvimento da agricultura e o marco da divisão do trabalho, isto é, nem todos tinham as mesmas funções: há procura por alimentos pelos caçadores, desenvolvimento da agricultura pelos camponeses e fabricação de ferramentas e utensílios pelos artesãos. A partir deste desenvolvimento se faz necessário regras para um convívio saudável, surgem crenças, tradições, a cultura e a disputa por poder e território.

Deste modo, é marcada a criação das primeiras cidades, dos primeiros marcos do convívio social humano.

É em meio à divisão social do trabalho e a escravidão que vão aparecendo as primeiras cidades. O início da vida urbana traz novas atividades como o comércio, a navegação, o artesanato. A cidade institui nova forma de viver; a troca de ideias passa a ser maior. Surgem novas formas de organizar a vida: as normas se tornam leis e as leis, por sua vez, fixam costumes, tradições e maneiras de agir que são tidas como convenientes pelo grupo social. Nasce assim a sociedade: uma vida em grupo que se caracteriza por apresentar relações sociais complexas...”
(MERKSENAS, 1994, pg. 37)

A sociologia surge a partir disto, que por sua vez é a ciência que estuda a sociedade e seus derivados como os fenômenos e relações sociais. Estuda o ser humano e o meio em que está inserido, sempre se baseando em estudos objetivos para ser o mais preciso possível para conhecer a realidade social, de acordo com Lakatos e Marconi (1999).

Por ser muito ampla, a sociologia se divide em diversos campos específicos de estudo, o campo em que está inserida esta pesquisa é a da sociologia urbana. Como o nome já diz, a sociologia urbana estuda tudo relacionado a vivência do meio urbano, seja o modo de organização, modos de vida, os problemas sociais e entre outros (LAKATOS E MARCONI 1999).

Os problemas sociais podem ser os mais diversos: desemprego, violência, desigualdade e inclusive o tema que originou está pesquisa, as ocupações em áreas de risco.

A palavra “impacto social”, apesar de ter pouco estudo e definições de seu conceito e deste termo, surge a partir desta vivência da sociedade. O termo “impacto” vem do latim tardio *impactus*, o impacto é o “choque de um objeto contra algo”, palavra encontrada também no termo “impacto ambiental”. Já a palavra “social” vem do latim *sociālis*, social é “aquilo que pertence ou que é relativo à sociedade”. Sendo assim a palavra “social” é utilizada nos mais diversos termos relacionado a sociedade, por exemplo: serviço social, ambiente social, classe social e entre outros (OIT ZWI 1971).

Social é então uma palavra derivada de “sociedade” do latim *societas* que significa "associação amistosa com outros", ou seja, é um conjunto de indivíduos da mesma espécie, que estão inseridos em determinado local e que interagem de certo

modo, formando um grupo social ou uma comunidade (OIT ZWI 1971). Somos “predispostos” a vida social, como cita Castro (2002), apesar de não ser algo exclusivo da espécie humana, geralmente é tido como uma condição universal do nosso modo de viver (CASTRO 2002).

Podemos pensar, deste modo, que um “impacto social” é algo que ocorre com determinada sociedade, um acontecimento, podendo ser positivo, mas também negativo, como no caso dos problemas sociais. Os deslizamentos de terras são alguns desses problemas gerados a partir do homem no meio urbano, tendo uma relação tanto com problemas sociais como impactos ambientais.

3 O SER HUMANO E O MEIO AMBIENTE

A extrema preocupação com o meio ambiente é cada vez mais notável, tendo em vista que o avanço do ser humano para chegar a novas tecnologias e meios de produção está acabando e poluindo os recursos, gerando diversos impactos no meio, tema abordado diariamente pelos meios de comunicação: jornais, revista, sites, telejornais e entre outros.

O presente capítulo irá trazer definições desses chamados “impactos ambientais” para assim, melhor compreensão do desastre ambiental ocorrido em março de 2011 em Antonina Paraná, onde diversos fatores ocasionaram deslizamentos de terra no Bairro Laranjeiras, atingindo a população que ali vivia, o qual vamos nos aprofundar no capítulo 4 desta pesquisa.

Sendo assim, devemos primeiro entender o que é o meio ambiente, para depois, entender porque o impactamos.

Quando se fala em meio ambiente é muito comum e lógico pensar em tudo que está ao redor de nós humanos: as plantas; os animais; os rios e etc. Como exaltam Cunha e Suarte (2017), esse pensamento não está totalmente errado, mas envolve muitos fatores além disso. Nós humanos fazemos parte do meio ambiente, somos uma espécie animal que habita o planeta assim como as outras, a única diferença é que nossa espécie se desenvolveu de tal modo, que, aprendemos a utilizar os recursos do meio em que estamos inseridos de diversas formas.

Dessa forma, devemos ter em mente que o meio ambiente é tudo que está inserido no planeta e que se relaciona entre si de maneira positiva ou negativa, muitas vezes um dependendo do outro (NAIME 2010), sendo eles elementos:

- Físicos: solo, água, rocha, clima, estações;
- Biológicos: fauna (animais) e flora (vegetais);
- Antrópico: ações humanas inseridas no meio.

Seguindo este raciocínio o ser humano, assim como qualquer outro ser vivo, sempre dependeu dos recursos naturais para sobrevivência. É histórico de nossa espécie e vem desde as épocas mais remotas, quando o homem, por exemplo, se utilizava de madeira e pedra lascada para criar uma lança.

Desde aquela época pré-histórica até os dias atuais, praticamente todas as atividades que realizamos para desenvolver nosso modo de: viver; produzir; inventar; urbanizar e de criar novas tecnologias, utilizam matérias primas vindas do meio ambiente, seja de forma direta ou indireta (ALBUQUERQUE, 2007). O que podemos ver atualmente, é o desenvolvimento dos meios de comunicação, tudo está conectado em rede e a todo momento podemos saber de notícias de qualquer lugar do globo.

Desse modo, conforme surge novas inovações, o ser humano passa se satisfazer não mais de necessidades básicas para sua sobrevivência, mas de objetos que o insiram no meio globalizado, que o traga cada vez mais conforto e bem-estar, os chamados bens supérfluos. Isto ocorre não só na área da robótica, mas também na arquitetura por meio dos designs de interiores.

O que ocorre é que o meio não consegue seguir a mesma evolução do ser humano, pois, a vontade do humano é ilimitada, sempre queremos criar e desenvolver novas coisas, utilizar tudo para melhorar nosso conforto e modo de vida. O que acontece é que após milhares de anos extraindo recursos da natureza, o ser humano percebeu que os recursos, são limitados e diferentes de sua vontade e desejos, isto é, um dia vão acabar, como ressalta Almeida (2011).

Mesmo assim, como explica Carvalho (2011) cada vez mais as tecnologias, inovações e diversas outras adequações necessárias para o avanço e a sobrevivência do homem crescem. Porém, o local de onde praticamente todos os recursos são extraídos (energia, combustíveis, materiais para construção, minérios e etc.), continua sendo o meio ambiente, causando impactos e desastres ambientais.

Isso se intensificou após o século XX no período industrialização, onde grande parte da população deixou o campo e foi para as cidades em busca de melhores condições de vida, este processo ajudou a acelerar a degradação do meio ambiente como citam Cardoso e Arruda (2016).

Os autores explicam que isso acontece pois, por exemplo, a demanda por locais para moradia acelerou o desmatamento e construção em áreas de risco nas zonas urbanas, com o aumento dos funcionários nas indústrias a poluição aumentou, pois, a produção aumentou, entre vários outros impactos gerados. Com isso, cada vez mais se faz necessário estudos sobre o assunto, já que precisamos manter o meio e seus recursos conservados para nossa sobrevivência.

Atualmente, é muito comum escutar sobre os termos de preservar, conservar, os bem conhecidos três R's (reduzir, reciclar e reutilizar), e entre outros. Porém, ainda é pouca a mobilização para que população se conscientize e entenda os impactos ambientais que geram diariamente.

3.1 CONCEITUANDO IMPACTO AMBIENTAL

De acordo com Filho (2013), explica que a palavra impacto deriva do “[...] latim *impactus* que significa impelido contra, ir de encontro a, bater contra” (HOUAISS, 2001, p. 1578 apud. FILHO, 2013, p. 6).

Lógico que não falamos de qualquer impacto já que o foco está na área ambiental, sendo assim Filho (2013) também cita Milaré (2002) autor que discute a legislação ambiental brasileira e que enaltece que esses “impactos” são de diversos fatores, principalmente de formas de diversas de energia “[...] decorrentes das realizações de obras ou atividades com danosa alteração do ambiente natural, artificial, cultural ou social” (MILARÉ, 2002, p. 54).

Já o termo ambiental significa: “[...] relativo a/ou próprio do ambiente. Ambiente, derivado do latim *ambiens*, entins-part. pres. de *ambire* significa andar ao redor, cercar, rodear; tudo o que rodeia ou envolve os seres vivos e/ou coisas; o meio ambiente” (HOUAIS, 2001, p. 183 apud. FILHO, 2013, p. 7).

Com mais clareza seria tudo que está a nossa volta e que são necessários ou não para nossa sobrevivência, não apenas dos seres humanos, mas de todos os seres vivos, seria por exemplo: o clima, o solo, a água, os organismos, a flora e entre outros. Tudo se complementando entre si e com total influência um sobre o outro.

Falar de meio ambiente, ou de seus derivados como o impacto ambiental, engloba uma área interdisciplinar do conhecimento e uma complexidade grande como enaltece Filho (2013). Para tanto, não existe apenas uma definição para impacto ambiental, mas diversas interpretações, que apesar de semelhantes, são de autores e estudiosos diferentes.

Analisando esses diversos conceitos de impactos ambientais, Filho (2013), chegou à conclusão que, a maioria dos autores estudados exaltam a atividade humana na modificação/alteração do meio, atendendo assim suas necessidades e seus desejos, geralmente econômicos.

Uma das definições apresentada por Filho (2013) é do autor Canter (1977), que deixa claro o termo impacto ambiental como sendo modificações feitas pelo homem para satisfazer suas necessidades. Sendo essas alterações nos sistemas ambientais citados anteriormente: físicos, biológicos e antrópicos.

Esses conceitos, que aparecem nas definições apresentadas constantemente, podemos encontrar também na resolução CONAMA Nº 001, de 23 de janeiro de 1986, onde cita em seu artigo 1º, impacto ambiental como sendo:

[...] qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: I - a saúde, a segurança e o bem-estar da população; II - as atividades sociais e econômicas; III - a biota; IV - as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; V - a qualidade dos recursos ambientais.

(BRASIL, 2003 apud FILHO, 2013, pg. 23)

A resolução nos deixa claro a existência da ação do ser humano sobre o meio, porém nos leva também a entender que os impactos são apenas negativos. Mesmo assim, há autores que distribuem a categoria binária a esses impactos, como positivos e negativos.

Segundo Silva (1999), aborda que impactos ambientais são gerados por ações humanas, porém que são negativos quando destrutivos e causam degradação de recursos até então naturais e não modificados, cortar uma árvore por exemplo. O autor mostra que os impactos podem ser positivos quando trazem benefícios ao meio, trazendo de volta ou restaurando áreas que tinham sido degradadas, plantando assim uma muda da mesma espécie de uma árvore retirada.

Barbosa (2006), tem um pensamento parecido, para ele os impactos podem causar degradações e destruições significativas, sendo desta forma negativos, seria um exemplo desviar todo o curso de uma nascente para fazer um tanque de peixe. Mas, ainda segundo ele, os impactos podem não ser de dimensões tão significativas, não sendo então considerado uma degradação, como por exemplo, apenas pegar um jarro de água da nascente para beber a deixando intacta.

Outro fator que diferencia a definição da resolução CONAMA de outras, é o fato de sabermos que impactos ao meio ambiente também podem ser provocados por causas naturais (tufões, tornados, tsunamis, erupções vulcânicas, terremotos e

etc.). Filho (2013) mostra isso na definição do autor Santos (2004), definindo que impacto ambiental é “[...] toda alteração perceptível no meio, que comprometa o equilíbrio dos sistemas naturais ou antropizados, podendo decorrer tanto das ações humanas como de fenômenos naturais.” (SANTOS, 2004, p. 110 apud FILHO, 2013, p. 9).

3.2 CLASSIFICAÇÕES DE IMPACTO AMBIENTAL

Podemos perceber então, que toda e qualquer ação do ser humano sobre o meio gera impacto, por menor que seja, sendo de grande importância ou não. Os impactos de maior importância são os que degradam mais o meio ambiente, como grandes construções (aeroportos, ferrovias, rodovias), vazamento de óleos de navios e entre outros.

Sendo assim, os impactos ambientais recebem algumas classificações, aprofundadas por Cunha e Suarte (2017) que, explanam as ideias de Spadotto (2002) e Kurtz (2002). Cunha e Suarte (2017) utilizam primeiramente a análise por Magnitude e Importância. A magnitude vai medir a alteração feita no ambiente, ou seja, o tamanho o impacto gerado. A importância vai verificar o grau dos problemas ambientais a serem enfrentados, quando comparados a outro impacto.

Os autores citam que vários critérios são utilizados para medir a Importância e a Magnitude. A Magnitude se utiliza dos critérios de:

- Extensão: quais serão as ações ambientais que o empreendimento solicitado vai enfrentar, e por quais áreas;
- Periodicidade: qual será o período, isto é, o tempo que os impactos serão gerados;
- Intensidade: se a ação vai ter um grau baixo, médio ou alto de impacto.

Já a importância se utiliza dos critérios de:

- Magnitude: os já descritos;
- Ação: quais são, e quantidade de efeitos que as ações irão causar no meio;
- Ignição: tempo que os efeitos demoraram para acontecer;
- Criticidade: nível da relação entre as causas e os efeitos da ação.

Outra forma que os autores utilizam para classificar o impacto é a forma quantitativa e qualitativa. Qualitativamente são utilizados seis critérios, sendo eles resumidamente:

-Valor: se dá aos impactos positivos e negativos, quando trazem benefício ou danos a um fator do ambiental;

-Ordem: onde o impacto é direto, primário ou de primeira ordem (causado sem depender de outros motivos). E quando o impacto é indireto, secundário ou de ordem enésima, isto é, depende de uma outra ação para acontecer;

-Espaço: verifica se o impacto é local, acontece nas proximidades (bairro, município). Regional, quando o impacto se desloca e atinge além de proximidades e se divide em setores maiores (estados, ou regiões). E, por fim global, quando o impacto se espalha de maneira intensa e crescente, atingindo o meio em proporções gigantescas (países, mundo todo);

-Tempo: impacto curto prazo, a ação é feita e o impacto já ocorre (derrubamento de óleo/água de lastro de navio). Médio prazo, a ação é feita e o impacto demora um pouco para acontecer e indo até o longo prazo (construções em áreas de marina/dunas). Longo prazo, quando a ação é feita, mas o impacto não será de imediato, demorará algum tempo para acontecer (ocupação em áreas de risco);

-Dinâmica: caráter de tempo, ou seja, define o tempo para acontecer o impacto depois que a ação é feita. Cíclico, impactos que ocorrerão em ciclos e não todos de uma vez, gerando uma cadeia de acontecimentos (deslizamentos de encostas de morros). Permanente, um impacto gerado que ainda não tem solução e nem tempo para acabar (efeito estufa, aquecimento global);

- Plástica, reversíveis: quando a ação a ser feita é interrompida e o ambiente que foi sofrido volta a ser como era sem sofrer maiores danos. Impactos irreversíveis, quando a ação por mais que seja interrompida o ambiente jamais irá voltar a ser como era e ter os danos recuperados.

As classificações acima, que são adotadas por Cunha e Suarte (2017), nos mostram alguns exemplos de modos adotados para lidar com determinados impactos. Geralmente são utilizados quando suas aplicações irão agredir mais o meio ambiente que impactos menores.

Elas facilitam para determinar quais impactos são prioridades a serem resolvidos, se estudando e verificando formas para solucionar os mesmos. Porém,

essas não são as únicas formas de classificar, os autores citam ainda a utilizada pela AIA (Avaliação de Impactos Ambientais), que se utiliza de cores para determinar o grau de intensidade de determinado impacto.

Essas classificações são utilizadas, geralmente pela AIA (Avaliação de Impacto Ambiental), que ainda conta com o auxílio de instrumentos como o EIA (Estudo de Impacto Ambiental) e o RIMA (Relatório de Impacto Ambiental), todos para auxiliar na melhor forma de lidar com os impactos ambientais. Esses instrumentos estão previstos na resolução CONAMA, citada a pouco, e dá diretrizes de quando e quais situações a AIA deve utilizá-los.

Em suma, a realização do EIA e do RIMA, atualmente se encontra nas mãos de órgãos estaduais como o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) e do SISNAMA (Sistema Nacional do Meio Ambiente).

3.3 CONCEITUANDO ÁREAS DE RISCO

O deslizamento de terra que ocorreu na cidade de Antonina - PR, está ligado principalmente a um impacto ambiental: o uso e a ocupação do solo em áreas vulneráveis ou de risco.

Como já citado, muitas pessoas deixaram o campo e foram para as cidades, o processo conhecido como urbanização, que, apesar de ser característico da evolução humana por busca de espaço (MENDONÇA 2010), intensificou a degradação ambiental nos meios urbanos. Pessoas que tinham renda menores eram obrigadas a se fixar em locais mais afastados, geralmente em condições precárias para a saúde, mas, que caberiam em seus bolsos.

Algumas dessas áreas são denominadas áreas de risco, Chaves e Lopes (2008 pg. 2) falam que esses locais são “[...] onde ocorrem frequentes problemas de inundações, falta de saneamento ou de solos sob intensa erosão nas encostas íngremes [...]”, ou seja, locais que trazem em geral, como o nome diz, risco a integridade física e a saúde, de algum modo, a seus ocupantes.

Em Brasil (2007) podemos encontrar que:

A área de risco é passível de ser atingida por fenômenos ou processos naturais e/ou induzidos que causem efeito adverso. As

peças que habitam essas áreas estão sujeitas a danos à integridade física, perdas, materiais e patrimoniais. Normalmente, no contexto das cidades brasileiras, essas áreas correspondem a núcleos habitacionais de baixa renda (assentamentos precários). (BRASIL, 2007, pg. 26)

A grande aglomeração nas cidades faz com que o planejamento não seja eficaz, trazendo problemas como: diminuição cada vez maior de áreas verdes, falta de saneamento básico, difícil monitoramento da defesa civil. Esses acontecimentos, por sua vez, atingem geralmente a população de baixa renda, inclusive as que se situam em áreas irregulares (CHAVES E LOPES 2008).

Entretanto, com a especulação imobiliária cada vez maior, impondo valores altos em lotes regulares e bem situados, alguma família não tem condições de se encaixar nesse padrão e optam por aceitar esse risco, muitas vezes sabendo que o tem. Chaves e Lopes (2008 pg. 18) ainda dizem que essas áreas além de ocupadas “[...]chegam até a serem urbanizadas, demonstrando incoerência, uma vez que são áreas susceptíveis a perigos, tais como deslizamentos, desmoronamentos, enchentes, dentre outros.”

Um grande problema é, além das áreas já serem de risco naturalmente, com a modificação e alteração pela ação do homem, isso se intensifica ainda mais. Por exemplo, ao construir uma habitação sem uma altura elevada na encosta ou margem de um rio, logicamente sabendo que o rio com intensas chuvas, pode aumentar consideravelmente seu nível, é supor que vai sofrerá com enchentes.

No caso das encostas de morros, a vegetação predominante da área, a terra e minerais locais, são retirados do solo para construção dessas habitações irregulares, fazendo com que se intensifique o risco de erosão no local (Lopes e Souza 2012). Foi o que ocorreu no bairro do Laranjeiras em Antonina, e que será melhor aprofundado no capítulo 4 desta pesquisa.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO - Antonina Paraná

A cidade de Antonina - PR é um dos sete municípios que formam o litoral Paranaense, e juntamente com Morretes e Paranaguá é também uma das cidades mais antigas do Estado paranaense. Segundo pesquisa de estimativa populacional realizada pelo IBGE, Antonina conta com aproximadamente 18.000 habitantes (WORKSHOP ECOPOLIS 2012).

É uma cidade de convívio social tranquilo e com uma beleza natural e arquitetônica exuberante. Sua arquitetura nos traz uma volta ao tempo, entre suas vielas com pavimentação de paralelepípedo e construções com características luso-brasileira que remontam os séculos XVIII e XIX (FAEP 2012).

Seu patrimônio histórico é tombado desde 2012 pelo IPHAN, tendo relevância e importância nacional, tendo em vista que sua história tem origens em um período chamado de Ciclo do Ouro, anterior a exploração de Minas Gerais, estando situada em uma das exploradas pela Coroa Portuguesa no Sul do Brasil (IPHAN, Consulta Online)

FIGURA 1: CASÁRIO HISTÓRICO E IGREJA MATRIZ



FONTE: O autor (2018)

Sua história possui poucos registros, mas que são datados do século XVII com a presença dos chamados sambaquis e das habitações dos índios carijós. Alves (2016) fala sobre um dos primeiros registros da povoação de Antonina - PR, citado no livro de Ermelino Agostinho de Leão “Factos e Homens, Da Edade Archeolithica à elevação da cidade”, em 1926:

Gabriel de Lara foi a Nova Vila, atual Paranaguá, em 1614 com a função de capitão povoador sesmeiro, por conta do fluxo da procura de ouro na região. Após estudos da região litorânea, Gabriel de Lara concedeu, entre 1645 e 1654, três sesmarias nas encostas da enseada Guarapiracaba, enseada situada à beira do Rio Cubatão, atual Rio Nhundiaquara, a Antônio de Leão, Pedro Uzeda e Manuel Duarte. Esse primeiro povoamento contou com inúmeras lutas com os povos originais da etnia Carijós que habitavam a região, posteriormente, a etnia foi derrotada e seus membros escravizados, tornando-se mão de obra dos recém-chegados conquistadores. (ALVES, 2016, pg. 23)

Mesmo assim, o autor aborda que a povoação efetiva começou em 1712, quando nos tempos da intensa exploração do ouro, Manoel do Valle Porto se estabeleceu na região, iniciou a mineração e agricultura, explorando a mão de obra escrava (ALVES 2016).

Em 1714, Dom Frei Francisco de São Jerônimo, bispo do Rio de Janeiro autorizou a construção da primeira capela no até então Povoado de Guarapicocaba, que seria em homenagem a Nossa Senhora do Pilar. A partir disso, o mesmo começa a ser conhecido como Povoado do Pilar. Seus fiéis devotos começaram a se aglomerar e o povoado crescer cada vez mais em torno da mesma, que foi construída no alto de uma colina com vista para a baía local, onde está até hoje (ALVES 2016), por isso, ainda atualmente os antoninenses são conhecidos também como capelistas

A região mantém seu desenvolvimento e sua povoação, e passa a ser marcada por acontecimentos que foram importantes para isso, são eles como cita Alves (2016 pg. 24):

- 1719 é elevado de Povoado a Categoria de Freguesia;
- 29 de Agosto de 1797 de Freguesia é elevado à categoria de Vila;
- 06 de Novembro de 1797 elevada a categoria de Comarca da Província de São Paulo, denominando-se oficialmente Antonina e desmembrando-se de Paranaguá; e diversos outros acontecimentos históricos.

A região continuou a se desenvolver, sendo elevado em 1857, pela Lei Provincial nº 14, a categoria de município (PREFEITURA DE ANTONINA, Consulta Online)

Antonina já chegou a ser o quarto maior porto do país próximo a metade do século XX, mais precisamente na década de 30. Na época em que a erva mate e o

trigo eram intensamente explorados, o complexo da família Matarazzo era considerado o mais moderno do país. Sua produção gerava empregos, incentivo à cultura e entre outros benefícios ao povo antoninense. Atualmente está desativado e suas ruínas fazem parte dos bens tombados pelo IPHAN (FAEP 2012).

A cultura da cidade é o que chama mais atenção, costumes que passaram de geração a geração como a premiada Filarmônica Antoninense, que forma músicos espalhados pelo Brasil todo a mais de 40 anos, a adoração a Santa Nossa Senhora do Pilar comemorada todo mês de agosto e o carnaval da cidade que é muito conhecido e tradicional na região sul o país.

A cidade pode ser acessada pela BR-277 passando pelo município de Morretes, pela antiga estrada da Graciosa que liga diretamente o município região de Curitiba e pela PR-304, estrada que liga a cidade Antonina a cidade de Guaraqueçaba. Possui também acesso ferroviário, atualmente desativado e acesso náutico.

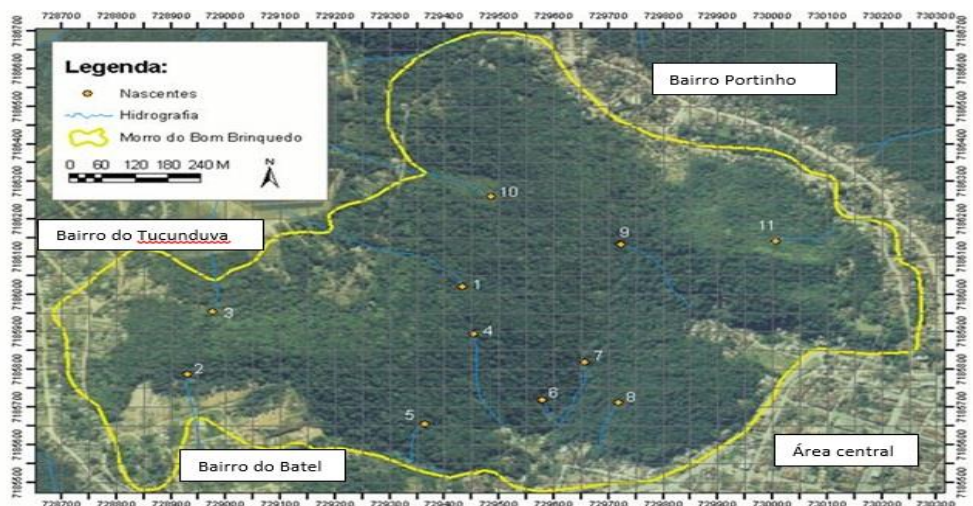
Logo, com uma localização privilegiada entre a serra do mar, a potencialidade cultural e os valores históricos, Antonina é uma das mais belas e atrativas cidades do Estado no âmbito turístico.

4.1 BAIRRO LARANJEIRAS

O Laranjeiras é um Bairro da cidade de Antonina Paraná, palco de um desastre ambiental em março de 2011. Sendo assim, chamava atenção especial, pois era grandemente povoado na encosta do morro do Bom Brinquedo, uma imensa área verde dentro da região urbana da cidade.

O Morro do Bom Brinquedo possui trilhas que interligam vários bairros da cidade de Antonina - PR e como cita Castellani (2016 pg. 6), possui encosta bastante íngreme e “formação geológica do complexo gnáissico magmático, constituído de rocha bastante antiga e resistente, motivo pelo fato de ainda persistir sua existência” mesmo estando exposto a ação do meio e antrópicas.

FIGURA 2 - MORRO DO BOM BRINQUEDO E ENTORNO



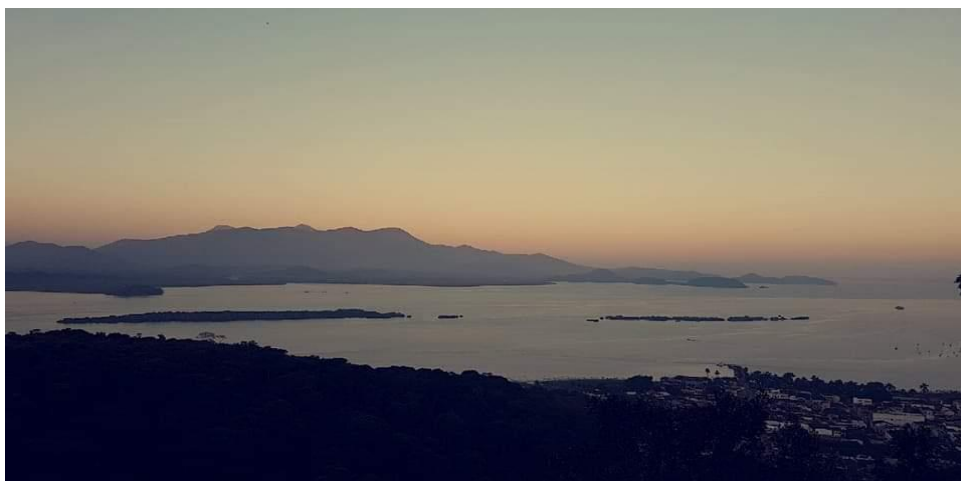
FONTE: Projeto Ecobairro apud. Castellani (2016)

Com uma altitude de 152 metros, possui cobertura vegetal caracterizada pelo autor com base no IBGE (2004), como sendo do tipo fase inicial, de sucessão/capoeira, embora predomine na sua maioria uma sucessão bastante avançada com árvores altas e vegetação densa. Seu solo é característico do cambissolo (CASTELLANI, 2016, pg. 7)

Sua localização privilegiada é próxima ao centro histórico e o principal acesso a um dos pontos turísticos mais belos da cidade, o mirante da pedra, percorria o Bairro. Um mirante natural formado por uma enorme rocha, possuindo uma vista belíssima da cidade onde:

[...] é possível visualizar a Baía de Antonina, contemplar a área urbana central, os bairros da Penha, Matarazzo e Ponta da Pita, bem como o canal de acesso ao porto público Barão de Tefé e o Terminal Portuário da Ponta do Félix, além de uma belíssima paisagem dos manguezais [...].
(CASTELLANI, 2016, pg. 8)

FIGURA 3 – VISTA DO MIRANTE DA PEDRA AO FINAL DA TARDE



FONTE: O autor (2017)

O ponto turístico pode ser acessado até hoje através de trilha, por pessoas que conhecem a região.

O Bairro percorre a Avenida Leovegildo de Freitas onde tem residências até os dias atuais, porém, o maior aglomerado de residências se encontrava na Rua Dom Pedro Segundo, onde o acesso era feito pela avenida e adentrava aproximadamente 300 metros da encosta do morro do bom brinquedo. Ao lado da Rua Dom Pedro Segundo fica até hoje localizada a sede da COPEL.

FIGURA 4 – AVENIDA E RUA DE ACESSO AO BAIRRO LARANJEIRAS



FONTE: Google Maps (2018)

Devemos levar em conta que o crescimento e povoação do Bairro não se deu pelo chamado êxodo rural (pessoas deixando o campo e indo para a cidade), mas por um processo de urbanização da região, que era próxima ao centro e aos locais de primeiras explorações da cidade. Como vimos na contextualização de Antonina, a região começou a ser povoada principalmente em torno da igreja de Nossa Senhora do Pilar, onde se localiza seu território moradias principal, expandindo a partir deste seu meio urbano. Podemos encontrar registro em Leão (1926, pg. 113), dizendo que “Antonina em 1835, pouco mais que uma aldeia, mas aspirava desenvolver-se e dentro de poucos anos fazer jus ao predicamento de cidade. ”

Claudia, uma das pessoas entrevistadas que morou mais tempo no bairro, em conversação informal disse:

Meu pai foi o primeiro povoador do Laranjeiras, quando ali só existia mato ele foi o primeiro a roçar e a estabelecer moradia. Isso teve início por volta de 1930, na época o terreno era da prefeitura a qual começou a arrendar e mais para a frente ceder e regularizar aos moradores. Conforme os anos passaram o bairro crescia mais e mais. Morei lá desde os 2 anos de idade, agora tenho 68, me lembro até hoje das histórias sobre a Santa da fonte, aliás, a qual da origem ao nome do bairro, Laranjeiras.

(Claudia, 68, Natural de Antonina, ex-moradora do Bairro Laranjeiras).

FIGURA 5 – ANTONINA NO PERÍODO DE EXPORTAÇÃO DA ERVA MATTE, A DIREITA ONDE ATUALMENTE SE ENCONTRA A AVENIDA LEOVEGILDO DE FREITAS



FONTE: Fotografia cedida por Cainã Alves (Sem Data)

FIGURA 6 – POVOAMENTO ANTIGO NO BAIRRO LARANJEIRAS



FONTE: Fotografia cedida por Cainã Alves (Sem Data)

Como em todos os locais da cidade de Antonina, os valores históricos se encontram também no bairro, este continha dentro de sua localização a conhecida Fonte da Nossa Senhora da Laranjeira (CARVALHO 2012).

Segundo Carvalho (2012) a construção da fonte data 1906, tendo características arquitetônicas com influência luso-brasileira. Foi um dos principais abastecimentos de água potável da cidade entre os séculos XIX e XX e utilizada também como outras funções pelos moradores.

FIGURA 7 - ANTIGA FONTE DO LARANJEIRAS



FONTE: Fotografia cedida por Gene Feres Stanicia (Sem Data)

Antigos moradores do local relatam que, durante muitos anos da década de 50 em diante a fonte era visitada por peregrinos e romeiros procurando milagres da água, já que a fonte era habitada por uma santa. Foi levantado, junto ao Arquivo Municipal, alguns registros de supostos milagres realizados pela santa da fonte, datados de 1942, disponível no Anexo 1.

Uma das histórias contadas, é de que dois meninos chegaram a avistar a Santa, vestida de branco e com seu manto azul, adentrando a fonte, o que aumentou a fé das pessoas da região na busca por seus milagres e orações. Ainda se diz que é possível ver o contorno da santa com pouca nitidez ao fundo da fonte (CARVALHO 2012).

FIGURA 8 - ROMEIROS VISITANDO FONTE DA LARANJEIRAS



FONTE: Foto cedida por Gene Feres Stanicia (Sem Data)

Carvalho (2012) ainda cita que a fonte começou a ser abandonada a partir da década de 80, onde provavelmente a cidade já tinha outras formas de abastecimento de água. De lá para cá foram feitas algumas tentativas de revitalização e preservação do local, já que o mesmo tem um valor histórico muito importante, porém após o desastre ocorrido em 2011 a fonte se encontra em total estado de abandono, pois foi um local muito atingido, a mesma ainda existe apesar do abandono. No entanto, o acesso é difícil e só pode ser feito com pessoas que conhecem o local.

O Bairro atualmente é classificado como área de risco, mesmo assim ainda possui algumas residências de forma irregular ao longo da Avenida Leovegildo de Freitas. Porém, a área principal localizada na Rua Dom Pedro Segundo, que dava acesso ao mirante e a fonte da laranjeira, está em total estado de abandono, encoberto pela vegetação onde restam apenas os vestígios da tragédia. Desde 2011, foram feitos alguns projetos visando tornar a área um parque ecológico e uma área de preservação, porém estes sem serem efetivados.

4.2 – O DESASTRE DE 11 DE MARÇO DE 2011

No ano de 2011, mais precisamente no dia 11 de março, o povo Antoninense vivenciava o maior desastre ambiental já ocorrido no município. Bastou poucos dias de chuvas intensas, principalmente no dia em questão, para a cidade sofrer enchentes, alagamentos, enxurradas e deslizamento de encostas dos morros urbanos, inclusive os povoados. Tudo isso gerou um enorme caos, famílias desabrigadas, falta de energia elétrica e água potável, feridos e até mesmo mortes. Sendo, até hoje, um dia que o Antoninense quer esquecer.

FIGURA 9 – MORADIAS DESTRUIDAS NO BAIRRO LARANJEIRAS



FONTE: Castellani (2011)

Após o ocorrido, a cidade ficou em estado de alerta e muitos locais foram tidos como áreas de risco pelo poder público, em especial pela defesa civil. Um destes locais e possivelmente um dos mais atingidos, foi o Bairro Laranjeiras, local

onde ocorreu deslizamentos de terras e foco principal desta pesquisa (PROJETO CEEP BRASILIO MACHADO 2013).

Como vimos neste capítulo no tópico 4.1, o bairro foi desenvolvido na encosta de um morro, mais precisamente o morro do bom brinquedo. Nunca se teve no bairro um planejamento adequado das moradias (PROJETO CEEP BRASILIO MACHADO 2013), desse modo, podemos concluir que o impacto ambiental antrópico principal é a ocupação em áreas de risco. A população, sem ter conhecimento do risco que estão correndo, e por não ter uma fiscalização adequada dos órgãos competentes, foram adentrando cada vez mais áreas de declividade, áreas de vegetação local e áreas com vertentes de água (PROJETO CEEP BRASILIO MACHADO 2013).

A ocupação da área e a ação do ser humano não foram as únicas determinantes para o ocorrido, foi uma série de acontecimentos que acarretou a tragédia, mas sem dúvidas as ações antrópicas tiveram um papel fundamental. Um deslizamento ocorre entre a interação de um fenômeno natural e atividades antrópicas, ou seja, não é algo que ocorre de um dia para o outro e a todo o momento. No artigo Workshop Ecopolis (2012), é citado dois tipos de fatores determinantes para o ocorrido sendo eles endógenos e exógenos.

Endógeno seria algo que ocorre do interior para o exterior; isto é originário no interior de um organismo, algo que se desenvolve pela influência de fatores internos. Sua derivada é a palavra geológica Endogênico que tem relação com um processo de metamorfose que acontece no interior (dentro) de um organismo (FERREIRA 1988).

Já exógeno é de origem exterior; que vem de fora, estes por acontecimentos externos e do meio externo. Tem como derivada a palavra geológica Exogênico “que se origina no exterior” (FERREIRA 1988).

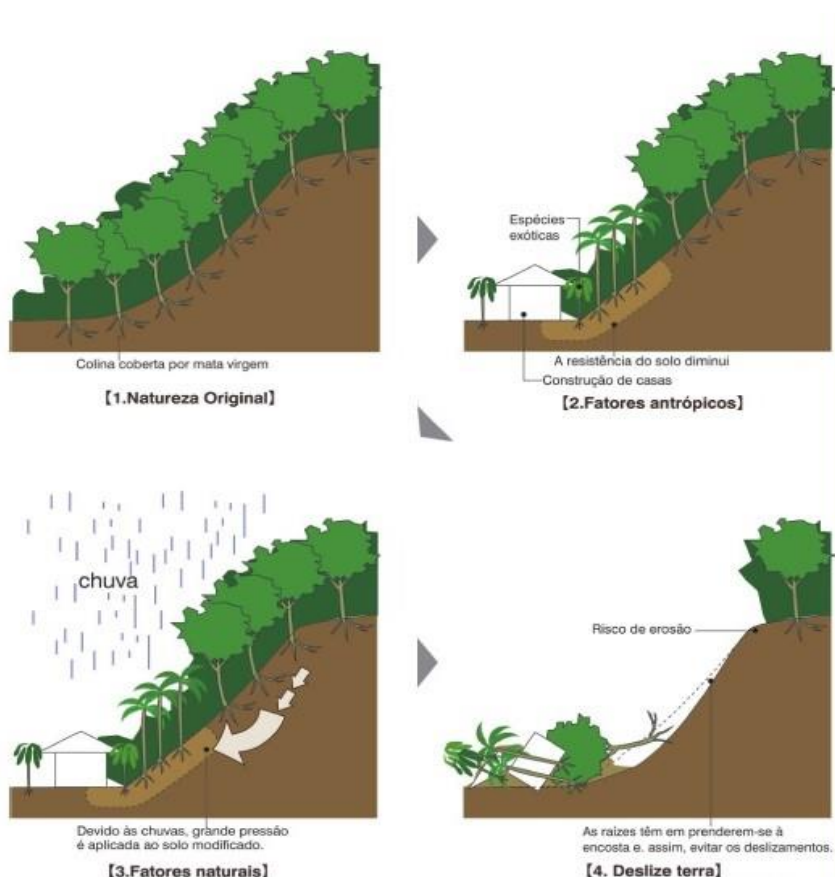
Nos fatores endógenos “[...] estão as inclinações dos morros, a tipologia dos solos e das rochas de base, a tipologia e a extensão das raízes da cobertura vegetal, e a quantidade e duração dos afluxos meteorológicos.” (WORKSHOP ECOPOLIS, 2012, pg. 54)

Observa-se que todos esses fatores endógenos são naturais, onde o ser humano não tem poder, ou total poder, de decisão dos acontecimentos, como a formação geológica instável dos morros e o alto volume pluviométrico no local.

Nos fatores exógenos é citado dois principais, “os desbarrancamentos das encostas para transformar em espaços habitáveis e a substituição da floresta original por cultivos diversos.” (WORKSHOP ECOPOLIS, 2012, pg. 54)

Já nos fatores exógenos a ação antrópica é evidente, onde nada mais se faz que uma narração da ocupação urbana no local. Quando a encosta do morro foi povoada, o solo foi afetado para a construção de residências através de aterros e da retirada de partes do morro. Para isso, um local que era coberto por terra e por vegetação tem sua vegetação retirada, muitas vezes colocando no local uma espécie de vegetação exótica não oriunda da área, ou, nem colocando nada no lugar, deixando o solo ainda mais frágil e exposto as atividades pluviais.

FIGURA 10 – PROCESSO PARA EROSIÃO POR FATORES NATURAIS E ANTRÓPICOS



FONTE: Workshop Ecopolis (2012)

“Estes dois fatores aumentam as condições de instabilidade das bases de montanha forçando as pendências naturais, expondo à erosão o solo nu e limitando ou anulando o poder dos aparatos radiculares de estabilização das encostas. As chuvas excepcionais de março de 2011 romperam o equilíbrio precário de muitas montanhas que circundavam Antonina, inclusive no Bairro

Laranjeiras, que apresentava encostas com pouco solo e rochas areníticas mais instáveis que o normal pela ação humana. ” (WORKSHOP ECOPOLIS, 2012, pg. 54)

Os autores Lopes e Souza (2012), fizeram uma análise do ocorrido, interagindo essa ação humana com as causas naturais, porém colocando uma definição nova, o chamado evento extremo. Os autores explicam que um evento extremo é tido como uma anomalia, algo que não costuma acontecer com regularidade ou habitualmente e nesse padrão “os eventos de origem climática/meteorológica respondem por mais 85% dos eventos extremos do planeta.” (LOPES E SOUZA, 2012, pg. 2)

Em concordância com tudo que já foi descrito, os autores informam que o desastre natural ocorre quando tais eventos extremos, atingem áreas vulneráveis ou de risco. Sendo assim, a característica de um desastre natural é a interação entre um evento extremo e atividades antrópicas. Em março de 2011, o evento extremo de intensas chuvas, em interação com as ocupações irregulares em área de risco, ocasionou o deslizamento de terra no Bairro do Laranjeiras (LOPES E SOUZA 2012).

A quantidade de terra posta abaixo foi enorme, a parte mais ocupada do bairro foi intensamente atingida, algumas residências chegaram a ser completamente destruídas, outras extremamente danificadas, os acessos comprometidos. A maioria das famílias teve de sair de casa às pressas, deixando bens materiais que restaram para traz.

FIGURA 11 – QUANTIDADE DE TERRA SOB AS MORADIAS NO BAIRRO LARANJEIRAS



FONTE: Castellani (2011)

Em uma entrevista informal com a engenheira Luzia de Freitas, funcionária da Secretaria de Obras do Município de Antonina, ela relata que no dia seguinte após o ocorrido a mobilização dos governos estadual e municipal agindo em parceria com a COHAPAR foram intensas. A defesa civil retirou todas as pessoas das áreas de risco, as pessoas com moradias que ainda restavam intactas tiveram que abandonar suas casas e se alojar nos abrigos improvisados, já que novos deslizamentos eram muito prováveis. Essas pessoas ficaram abrigadas em escolas, igrejas e casa de parentes. As aulas pararam por praticamente uma semana, devido principalmente à falta de água e energia elétrica. Segundo Luzia:

O papel da secretaria de obras, era o mais rápido possível, encontrar algum local para a possível realocação das pessoas. Esse local teria que ser relativamente grande, pois seria construída diversas residências. A documentação teria que estar em dia, para os órgãos competentes não terem maiores problemas burocráticos e como prioridade um local que não tivesse novos riscos a sua população. O cadastro das famílias para receber a indenização disponibiliza pelo governo, ficou a competência do serviço social municipal. Foi feita toda uma avaliação psicológica com as pessoas que sofreram com a tragédia e recorreram ao benefício.

(Luzia, funcionária Prefeitura Municipal de Antonina)

Na época, o bairro ficou completamente abandonado, apenas com escombros, ruínas, lixos, lembranças e saudades das pessoas que ali viviam pacatamente. Com o tempo foram surgindo ideias e até mesmo projetos (artigos, monografias, workshop) para a revitalização e utilização da área de uma maneira benéfica, porém, até hoje essas implementações não foram efetuadas pelo governo estadual ou municipal.

Foi realizado, também, um relatório geológico pela MINEROPAR¹, analisando vários morros urbanos com risco de deslocamento de massa, inclusive todo o morro do bom brinquedo, para que possíveis locais que ainda tivessem risco de incidentes futuros, fossem monitorados pela defesa civil com cautela e alerta. Já a ONG municipal ADEMADAN² realizou o projeto MACAR³, que também efetuou

¹ Serviço Geológico do Paraná. É uma empresa pública, constituída nos termos da Lei Estadual nº 17.887 de 20 de dezembro de 2013 e pelo Decreto Estadual nº 11.037 de 15 de maio de 2014.

² Associação de Defesa do Meio Ambiente e do Desenvolvimento de Antonina

³ Monitoramento Ambiental Comunitário de Áreas de Risco de Deslizamentos nos Morros Urbanos de Antonina

cadastro das áreas de risco do município e das pessoas que moravam nessas áreas, visando auxiliar para que novas tragédias não voltassem a acontecer (PROJETO CEEP BRASILIO MACHADO 2013).

Atualmente, a área do Laranjeiras ainda possui algumas residências de forma ilegal, mas, onde o bairro era intensamente ocupado, se encontra com uma vegetação densa, dificultando até mesmo a passagem e a visualização dos escombros que ali existem, comprovando a força da natureza sobre o homem.

A partir de todo esse cenário surgiu a proposta da pesquisa, de levantar dados sobre a realidade vivida pelas famílias na época, compreendendo de que maneira este desastre impactou suas vidas e se continua impactando de algum modo até os dias atuais.

5 MATERIAL E MÉTODOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa científica, foram utilizados métodos de caráter bibliográfico, pesquisa de campo quantitativa, pesquisa de campo qualitativa e cadastro de dados georreferenciados.

A pesquisa bibliográfica é um estudo e um levantamento aprofundado das bibliografias já publicadas sobre o tema em questão, independente da forma (revista, jornal, livros, publicações independentes e etc.). Isto faz com que o pesquisador crie uma “intimidade” com o tema escolhido e possa melhor formular, reforçar e acrescentar conhecimento de estudiosos em suas ideias. Além disso, a resposta para o problema que a pesquisa pretende abordar pode ser encontrada a partir de uma boa pesquisa bibliográfica ou, um bom preparo para uma pesquisa e abordagem de campo, sendo assim, a pesquisa bibliográfica pode ser considerada “como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.” (Marconi e Lakatos 2006 pg. 43 e 44).

O método de pesquisa bibliográfica foi trabalhado com consulta em artigos, livros, monografias, teses, dissertações e dicionários. São exemplos de temas pesquisados: ocupação irregular do solo, impactos ambientais, áreas de risco, sociedade, problemas sociais, leis ambientais, leis urbanas e entre outros.

Partindo para a pesquisa de campo, um dos métodos utilizados foi a pesquisa de campo quantitativa. Moresi (2003) explica que este é um método onde os dados podem ser como um todo, quantificáveis, obtendo através de números opiniões e informações, sendo possível a classificação e a análise das mesmas.

A quantificação dos dados se deu através de um levantamento feito pela aplicação de um questionário. Levantamento é uma das formas utilizadas na pesquisa quantitativa, é explicado por Gil (2010, pg. 35) como sendo uma “solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados.”

Gil (1999) conceitua questionário da seguinte forma:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses,

expectativas, situações vivenciadas etc. Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto aplicados. Quando, porém, as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador, podem ser designados como questionários aplicados como entrevista ou formulários.

(GIL, 1999, pg. 128)

O questionário da presente pesquisa foi dividido em quatro partes, estas visando abranger o máximo de dados, de maneira simples e direta. A primeira parte era uma coleta de dados de caráter mais pessoal acerca dos moradores (naturalidade, fatores econômicos e etc.), posteriormente a segunda e terceira parte referiam-se as moradias atuais e as moradias anteriores ao acidente, visando um estudo de caso, comparando os dados das mesmas. A última parte do questionário visou informações exclusivamente do desastre, buscando uma visão sobre acontecimentos pessoais na vida de cada um dos respondentes. O mesmo foi aplicado à quatorze pessoas, estes representantes de famílias distintas, abrangendo uma grande parte dos antigos moradores do bairro.

Em seguida, visando ter um contato ainda mais aprofundado com a realidade da população afetada e deste modo desenvolver melhor a pesquisa, foi utilizado também a pesquisa de campo qualitativa com uma entrevista informal.

Diferente da pesquisa quantitativa, a qualitativa visa a busca por dados não quantificáveis. Coleta-se dados junto às pessoas e utiliza-se de diferentes recursos e processos (FONSECA 2002). Um destes recursos, que está presente na pesquisa são as entrevistas.

Gil (1999) diz que:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

(GIL, 1999, pg. 117)

A entrevista informal, é uma entrevista realizada da maneira menos estruturada possível, isto é, o que distingue a mesma de um simples diálogo é o objetivo de coletar dados. “O que se pretende com entrevistas deste tipo é a

obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado. “ (GIL, 1999, pg. 119).

É um método recomendado para se compreender uma realidade pouco conhecida pelo pesquisador. Geralmente este tipo de pesquisa é recorrida a “informantes-chave”, que “podem ser especialistas no tema em estudo, líderes formais ou informais, personalidades destacadas etc.” (GIL, 1999, pg. 119). Assim, a entrevista informal não foi feita com todas as quatorze pessoas que responderam o questionário, mas com algumas pessoas, que durante o período, tiveram experiências distintas e mais marcantes que os demais.

As pesquisas quanti e quali possibilitam uma análise mais profunda da realidade, denominado estudo de caso. Este é definido por Gil (2010 pg. 37) como “estudo profundo e exaustivo de um ou menos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. É também citado como “delineamento mais adequado para investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real” (GIL, 2010, pg. 37).

Também é utilizado como um dos métodos o cadastro georreferenciado. O trabalho de georreferenciamento foi feito a partir de uma coleta em campo. Quando foram feitas as aplicações dos questionários nas residências dos moradores, também foram coletadas as coordenadas geográficas das residências, com autorização prévia dos moradores. As coordenadas foram registradas por meio de um software chamado “gps location”, disponível para qualquer dispositivo smartphone.

Depois de coletados, os dados são trabalhados nos softwares Libre Office e GVsí, configurando estes para inseri-los como pontos geográficos que aparecem no software Google Earth. Com esses pontos podem ser feitas algumas análises, principalmente com a questão da mobilidade dos moradores, mostrando a distância de suas moradias atuais em relação a locais importantes no contexto urbano, como hospital e escola.

6 PÓS DESASTRE AMBIENTAL NO BAIRRO LARANJEIRAS – LEVANTAMENTO DE DADOS REALIZADO JUNTO AOS MORADORES

Mesmo com o acontecimento em 11 de março de 2011 no Laranjeiras, as pessoas que ali vivem tiveram que seguir suas vidas. O presente capítulo apresentará uma análise dos resultados alcançados a partir das pesquisas (quantitativa e qualitativa) realizadas em campo junto a antigos moradores do bairro. Estes resultados serão apresentados em forma de gráficos, imagens, discussões e dados estatísticos básicos (média, soma, mínimo, máximo e etc.). Os temas serão divididos em tópicos para melhor compreensão e análise dos mesmos.

Tendo em vista que é preciso ser feita uma análise de comparação do passado com o presente, os temas abordados são os mais diversos, para desse modo, se entender como as famílias atingidas com o desastre em 2011 vivem atualmente, seja em melhores ou piores condições.

São alguns desses temas: renda, infraestrutura urbana, visão pessoal do desastre, análise de moradias (atual e anterior) e entre outros.

Como já foi abordado no capítulo da Metodologia, foram aplicados um total de 14 boletins para realização da pesquisa de campo, estes com antigos moradores do Laranjeiras. O objetivo inicial era aplicação de 20 boletins, mas só foi possível atingir esse número menor de moradores. De todo modo, cada uma das 14 pessoas representa uma família, ou seja, foi alcançado indiretamente um grande número de pessoas e boa parte dos residentes do antigo bairro.

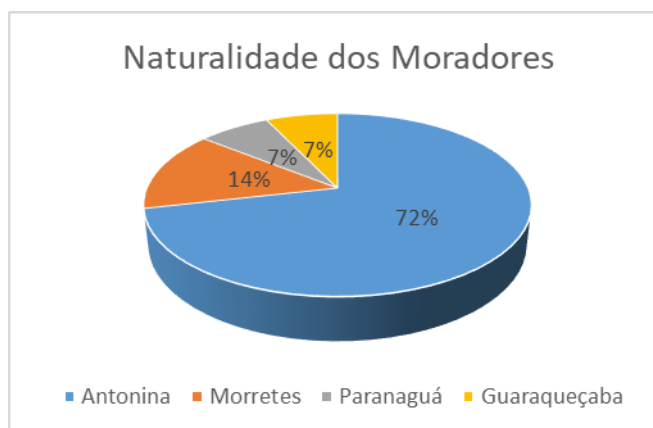
6.1 NATURALIDADE E QUANTIDADE DE MORADORES POR RESIDÊNCIA

A maioria dos moradores que participaram da presente pesquisa é natural de Antonina, 74% das pessoas, estes considerados capelistas⁴. Também se verificou pessoas naturais de Morretes, Paranaguá e Guaraqueçaba, ou seja, todos naturais do Litoral Paranaense. A idade média dos respondentes é de 37 anos, com um mínimo de 17 anos e um máximo de 69 anos, onde nota-se as mais variadas vivências sobre o ocorrido.

⁴ Pessoas que nascem em Antonina além de Antoninenses, são também conhecidos como Capelistas.

Foram abordadas pessoas mais jovens, que na época eram adolescentes/crianças, até pessoas mais idosas que foram alguns dos pioneiros do bairro.

GRÁFICO 1 – NATURALIDADE DOS MORADORES

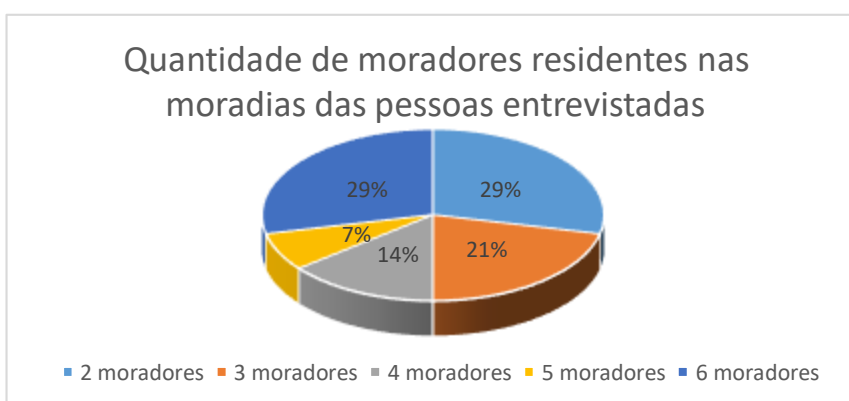


FONTE: O autor (2018)

De todas as residências que foram abordadas, 29% possuem 2 moradores, seguido de 29% que possuem 6 moradores, observando-se uma certa variedade no tamanho das famílias. Logo após se tem 21% das residências com 3 moradores e ainda moradias com 4 e 5 moradores.

Desta forma, apesar da quantidade de boletins aplicados terem sido 14, o total de moradores atingidos pela pesquisa, seguindo a lógica da quantidade de moradores por residência, foi 54 moradores do antigo bairro, representando uma média de 4 por residência.

GRÁFICO 2 – QUANTIDADE DE MORADORES

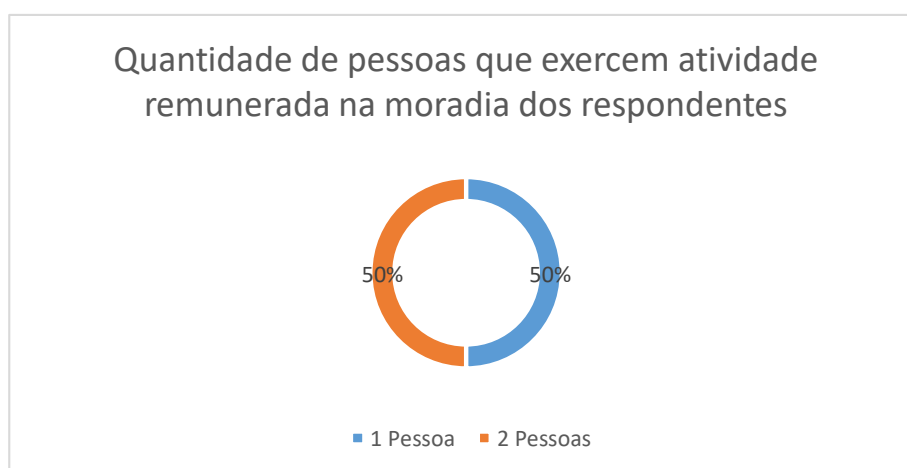


FONTE: O autor (2018)

6.2 FATORES ECONÔMICOS

Deste total de 54 moradores alcançados pela pesquisa (incluindo jovens e crianças), apenas 21 exerce atividade remunerada, o que representa menos de 50%. A média observada é de 1,5 por residência, máximo de 2 e mínimo 1 morador exercendo atividade remunerada. Um que pode ser abordado são residências com 6 moradores onde apenas 2 deles, ou menos, exercem atividade remunerada. Apesar de ter sido também contabilizado crianças e jovens na pesquisa, é possível pensar que existe uma grande taxa de desemprego.

GRÁFICO 3 – QUANTIDADE DE PESSOAS EXERCENDO ATIVIDADE REMUNERADA NA MORADIA DOS ENTREVISTADOS

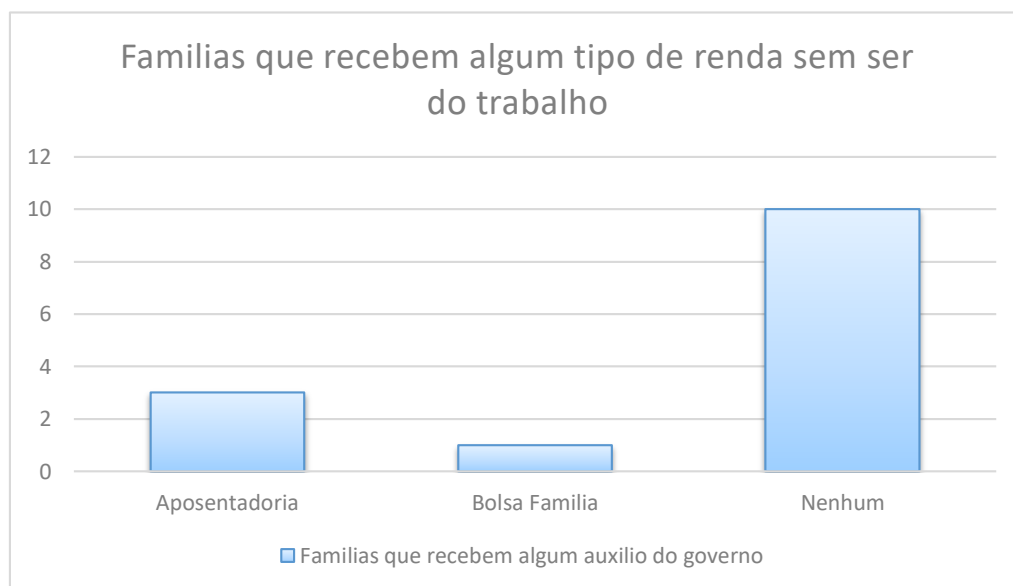


FONTE: O autor (2018)

Com esse cenário da possível quantidade de desemprego, pressupunha-se que a quantidade de famílias que receberia alguma renda não proveniente do trabalho, mas sim de outros meios (aposentadoria por exemplo), seria alta. Porém, vemos de acordo com os dados levantados que: 71% das famílias dos respondentes não recebem qualquer renda que não seja do trabalho.

Nos outros 29% que recebem alguma outra forma de renda foi levantado 2 tipos: aposentadoria (3) e bolsa família (1). Observa-se que, apesar da suposta taxa de desemprego, as famílias constituem sua renda prioritariamente do trabalho.

GRÁFICO 4 – RENDA NÃO PROVENIENTE DO TRABALHO

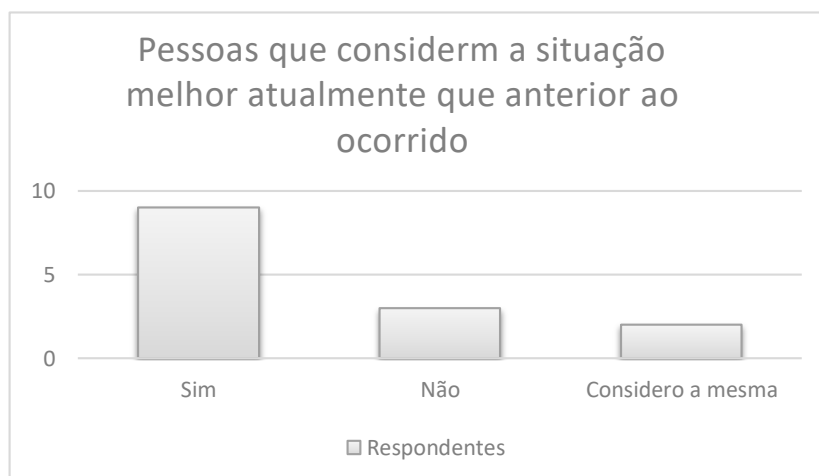


FONTE: O autor (2018)

Mesmo com a situação de uma média pequena de pessoas que exercem atividade remunerada, poucas famílias dependerem de outros tipos de renda. Ainda, a maioria delas considera a situação econômica melhor que antes do ocorrido em 2011, um total de 9 (65%) dos 14 respondentes responderam que sim, consideram a situação econômica atual melhor. Somente 3 (21%) responderam que não, e apenas 2 (14%) consideram a mesma sua situação econômica.

Isto pode ter ocorrido por diversos fatores, como alguns deles citaram: se inseriram no mercado passando a ajudar na renda familiar, passaram a morar sozinhos e ter gastos menores, outros estavam desempregados na época, e entre outros.

GRÁFICO 5 – SITUAÇÃO ECONOMICA ATUAL É MELHOR



FONTE: O autor (2018)

6.3 ANÁLISE COMPARATIVA: MORADIAS ATUAIS E ANTERIORES

Uma das questões abordadas pela presente pesquisa é a respeito das moradias dos respondentes, sejam as casas atuais (casas que as pessoas estavam morando no período em que a pesquisa foi realizada) ou sejam as casas antigas (casas em que as pessoas moravam no bairro do Laranjeiras). Abordando esse tema, o objetivo seria fazer uma comparação da qualidade destas residências: possível tamanho, questão de infraestrutura urbana e etc., para desse modo, se ter noção de como era e de como é a qualidade de vida das pessoas.

Como o boletim foi elaborado de maneira que fosse possível comparar as residências atuais e antigas, de forma a ter uma noção qualidade de vida urbana das famílias, foram apresentados alguns tópicos parecidos, assim teremos gráficos e perguntas semelhantes e em alguns casos até mesmo idênticos.

Para fazer essa análise, utilizou-se dados como: quantidade de dormitórios, de banheiros, questão de pavimentação, serviços públicos disponíveis (iluminação, coleta de lixo) e entre outros.

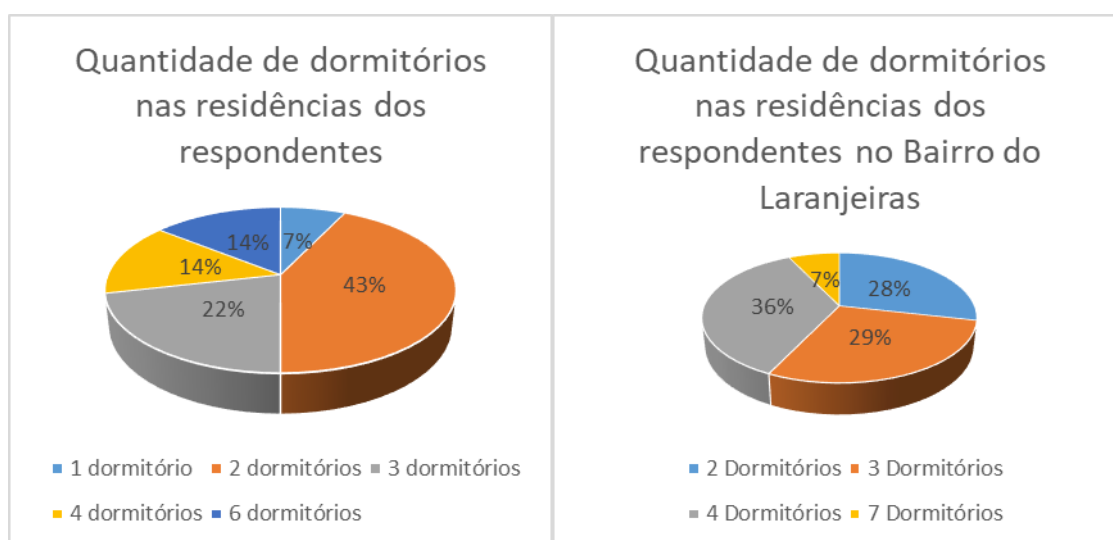
DORMITÓRIOS

Dando início da apresentação dos resultados pelas moradias atuais temos: um total de 42 dormitórios levantados, este com uma média de 3 dormitórios por residência, um número que era pressuposto, pela quantidade de moradores por

residência. O máximo levantado em apenas uma residência foi de 6 dormitórios e o mínimo 1 dormitório. Vale ressaltar, que como temos famílias de tamanhos variados, a variação e o tipo de construção varia de acordo com o que a mesma necessita, isto dentro de suas condições financeiras.

Levando em consideração a análise das moradias anteriores, foi obtido como resposta um total de 47 dormitórios, com um máximo de 7 dormitórios em uma só residência, tendo como mínimo 2 dormitórios e média de 3,35. Um resultado não muito maior, mas de qualquer forma 0,35 a mais na média que as moradias atuais. Notamos, que de certa forma, as pessoas tentaram manter a qualidade e o padrão das moradias que tinham anteriormente mesmo que não de maneira idêntica, e que as famílias se mantiveram proporcionais mesmo após alguns anos.

GRÁFICOS 6 E 7 – QUANTIDADE DE DORMITÓRIOS



FONTE: O autor (2018)

BANHEIROS

No tópico de análise dos banheiros, é observado um número bem menor, se comparado a quantidade de dormitórios. Nas moradias atuais foi levantado um total de 19, tendo como média 1,35 por residência. O máximo ficou em 3 banheiros e o mínimo 1.

Pensamos assim, com o levantamento dos dormitórios e banheiros, que nenhum dos respondentes vive atualmente, em situação considerada miserável e de extrema pobreza, pois de acordo com Tronco e Ramos (2016) algumas dimensões

utilizadas por estudos para se levantar a pobreza no Brasil são: educação, saúde, condições habitacionais e renda.

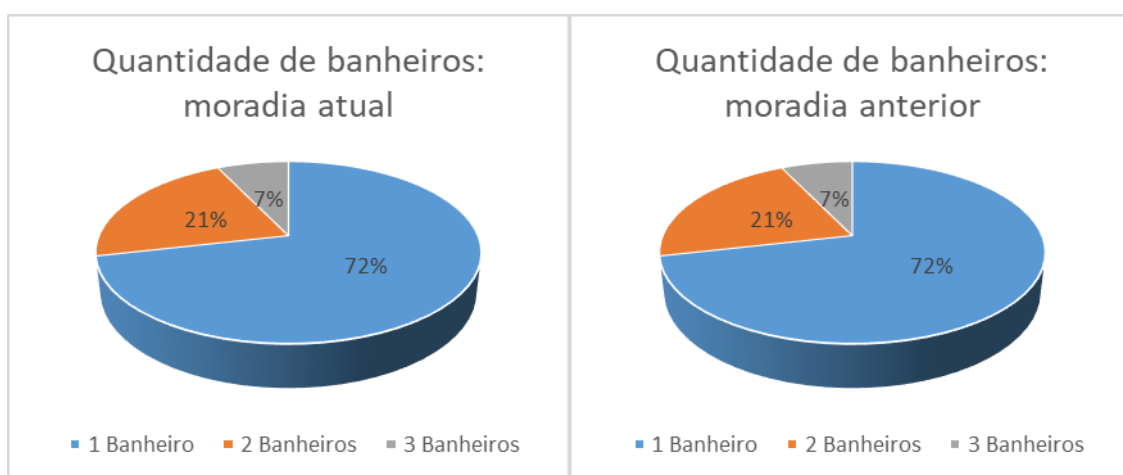
Os autores ainda citam o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome (MDS) que estabeleceu “o ponto de corte de R\$ 70,00 per capita para definir famílias em situação de extrema pobreza e o dobro desse valor (R\$ 140,00) para definir pobreza” (TRONCO E RAMOS, 2016, pg. 2)

Tendo em vista que os moradores puderam, de uma certa forma, se adaptar a suas condições para que tenham uma qualidade de vida, incluindo espaço para suas necessidades básicas.

O resultado, de modo geral, difere-se do que se tinha como hipótese (que a qualidade de vida atual estaria extremamente pior), os dados atuais e anteriores estão exatamente idênticos. Nas moradias anteriores foram levantados o mesmo total de 19 banheiros, tendo como máximo 3 por moradia e o mínimo 1, uma média igual de 1,35.

Podemos perceber que, mesmo que os banheiros não tenham a distribuição idêntica à do antigo bairro, o número de banheiros continua o mesmo. Isto é, observamos, que a qualidade de vida não mudou de maneira tão radical, e que ainda se mantêm, mesmo que não idêntica e/ou satisfatória.

GRÁFICOS 8 E 9 – QUANTIDADE DE BANHEIROS



FONTE: O autor (2018)

6.4 INFRAESTRUTURA URBANA

Em estudo levantado pelo IPEA⁵ (2010), é abordado que a ideia de infraestrutura urbana está diretamente relacionada a desenvolvimento, sendo este desenvolvimento afetado positivamente ou negativamente pela qualidade e quantidade de infraestrutura disponível em determinado território.

[...] infraestruturas sociais e urbanas envolvem, na verdade, um amplo conjunto de sistemas e suporte à vida cotidiana da população, notadamente no meio urbano, implicando em equipamentos e suportes físicos, na prestação de serviços e na sua gestão, seja gestão de operação e manutenção desse equipamento, seja a gestão do sistema em termos espaço temporais.

(IPEA, 2010, pg. 23)

A partir desse viés, sabendo que infraestrutura urbana é muito importante na vida das pessoas nas cidades, abordou-se no questionário alguns itens que pudessem compreender, da melhor maneira possível, o que era disponibilizado para a população do bairro e o que está disponível atualmente.

Foram abordados os seguintes itens:

- Se possui iluminação pública;
- Se possui coleta de lixo;
- Se possui esgoto a céu aberto;
- Se possui lixo a céu aberto;
- Tipo de pavimentação das ruas;
- Qualidade da segurança;
- Proximidades (escola e hospital).

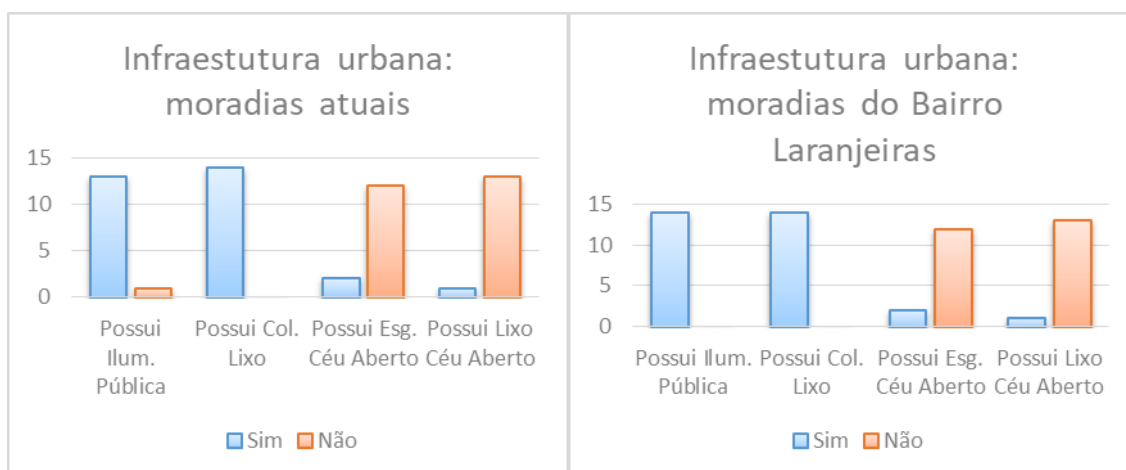
O resultado inicial do que foi pesquisado, em uma análise geral, pode-se notar que, a maior parte das moradias atuais possui iluminação pública e coleta de lixo, assim como não possui esgoto a céu aberto e lixo a céu aberto. Dos 14 respondentes apenas 1 (7%) diz não possuir iluminação pública, e apenas 1 (7%) possui lixo a céu aberto também. No entanto, o número que pode ser considerado pior destes, está no dado levantado “esgoto a céu aberto” onde 2 pessoas

⁵ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

responderam que possuem, isto corresponde à 14%. Fica evidente que apesar do resultado não ser 100% satisfatório para todas as famílias, as maiorias possuem sim infraestruturas urbanas básicas.

Comparando com as moradias anteriores podemos ver dados bem parecidos. Nos dados de iluminação pública e coleta de lixo a resposta é unânime, todos responderam que possuíam sim essas estruturas urbanas no bairro, notando que a iluminação pública nas moradias atuais tem uma queda de 7%, uma diminuição não tão elevada, mas que deve ser considerada. Em relação ao esgoto a céu aberto e lixo a céu aberto, os dados permanecem os mesmos nas moradias atuais e anteriores, 86% diz não possuir esgoto a céu aberto e 93% responde não possuir lixo a céu aberto.

GRÁFICOS 10 E 11 – INFRAESTRUTURA URBANA



FONTE: O autor (2018)

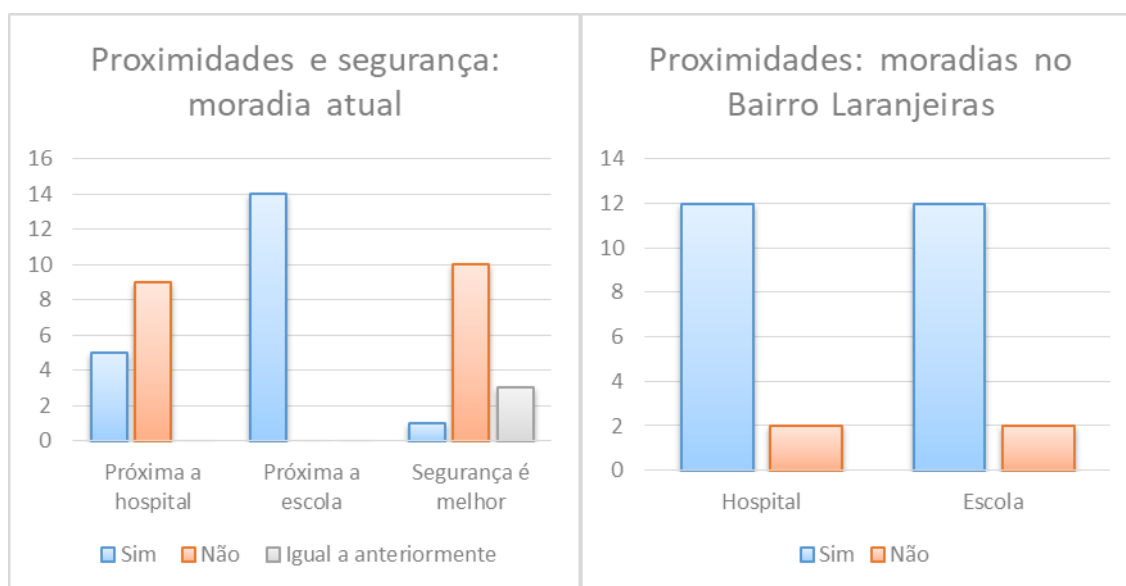
Quando se muda o foco, voltamos os olhares para os temas de proximidades e a segurança, o cenário se modifica. Todos os respondentes (100%), disseram que sua moradia atual é próxima a escola (contando com municipal e/ou estadual), porém, se comparado com a proximidade à hospital, 64% dos respondentes teve sua residência atual como sendo mais distante do que antes, isto representa mais da metade das pessoas.

Observamos que o número muda mais ainda quando o assunto é segurança, 71% não considera sua segurança melhor atualmente, isso se dá principalmente pelo bairro laranjeiras ter sido muito pacífico e a vizinhança ter tido um bom convívio, como citaram alguns moradores. Ainda 21% respondeu que

considera a segurança a mesma, pois continuam morando em bairros relativamente bons, e apenas 8% respondeu que considera melhor nos dias atuais.

Em relação as proximidades das moradias anteriores, observamos certa diferença, 86% considerava a residência próxima ao hospital e os mesmos 86% próxima a escola. Se comparado a moradia atual, temos um acréscimo de 22% na proximidade do hospital, levando em conta que a saúde é algo extremamente indispensável para a sociedade, sendo uma das dimensões citadas por Tronco e Ramos (2016) para medir a pobreza. Observa-se também uma diminuição de 14% em relação a proximidade das escolas.

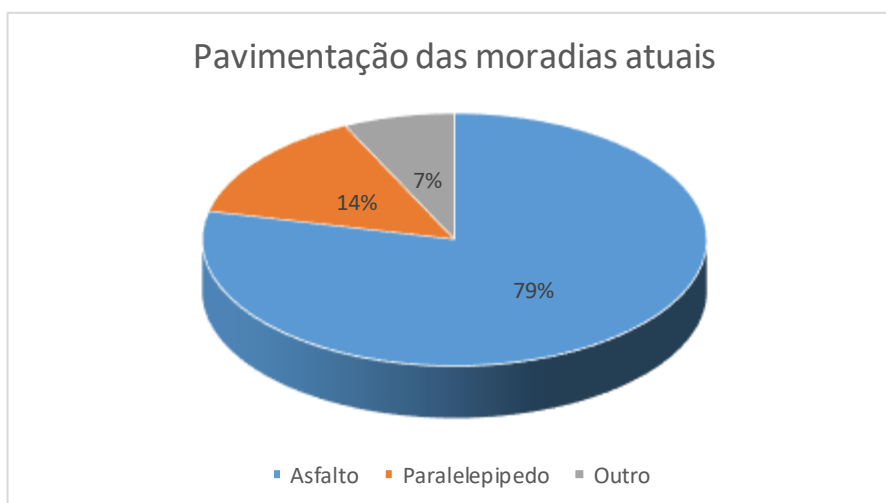
GRÁFICOS 12 E 13 – PROXIMIDADE E SEGURANÇA



FONTE: O autor (2018)

A respeito da pavimentação, contamos com maioria de residências onde se tem o tipo asfalto, um total de 76%, seguido do paralelepípedo (pavimentação muito comum em Antonina) com 14% e apenas 10% para a opção “outro” (terra, cascalho, e etc.), mostrando a presença da infraestrutura também neste quesito.

GRÁFICO 14 - PAVIMENTAÇÃO



FONTE: O autor (2018)

Não levamos em conta, para analisar as moradias anteriores, os dados de segurança e pavimentação. Segurança, pois, respondendo sobre segurança nas moradias atuais, quando a resposta for negativa é lógico se pensar que as pessoas consideravam sua segurança anterior melhor. Já o tipo de pavimentação não está incluído, porque na região do bairro laranjeiras (local em que os moradores moravam) contávamos apenas com a pavimentação de paralelepípedo e pavimentação primária em alguns locais.

6.5 MORADIAS CEDIDAS PELO GOVERNO

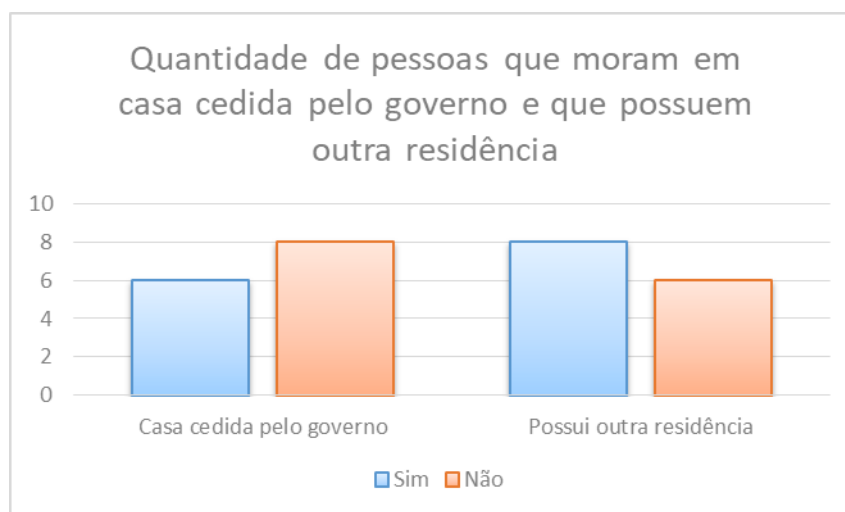
Como já foi comentado no decorrer da pesquisa (capítulo 4), logo após o ocorrido, foi feita uma mobilização do governo municipal e estadual junto para encontrar algum terreno que tivesse a documentação em dia e espaço suficiente para uma possível construção de residências em parecia com a COHAPAR, para atender a demanda dos desabrigados, não apenas as pessoas que moravam no Laranjeiras, mas também moradores de outras localidades que sofreram com outros desastres (enchentes, enxurradas e etc.).

Dessa forma, atualmente este local já foi feito pelo governo do Estado (projetos arquitetônicos do local, do loteamento e das casas estão disponíveis nos anexos...) e alguns dos respondentes entrevistados moram no local.

Porém, a maioria se encontra em outras residências, pelos mais diversos motivos que também foi abordado no questionário.

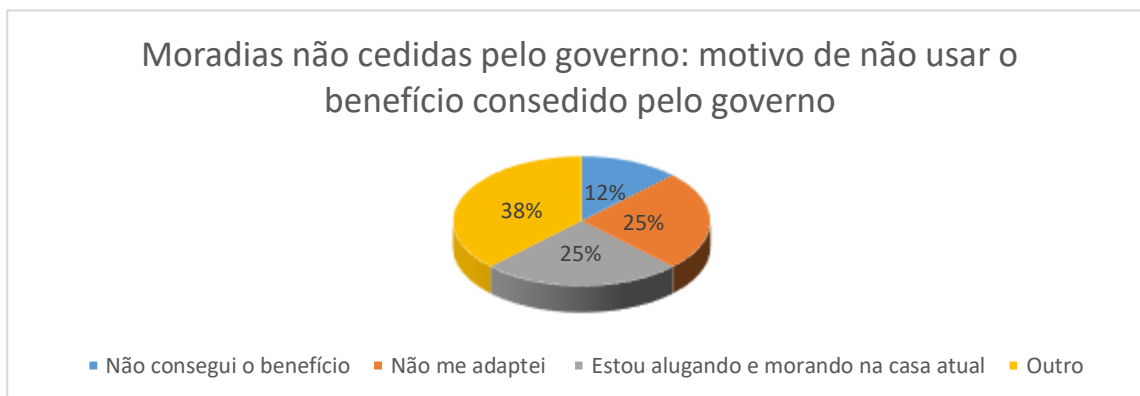
De todas as pessoas, 57% não mora hoje nas residências que foram cedidas pelo Estado, o outro restante dos 43% sim. Destes, 57% respondeu que possui outra residência (pressuposto ser em sua maioria a residência que recebeu do Estado, mas que não está utilizando) e os outros 43% que não possuem outra moradia.

GRÁFICO 15 – MORADIAS COHAPAR



Dos 57% (8 pessoas) que responderam não morar em residências cedidas pelo governo, 25% diz estar alugando e morando na casa atual, outros 25% disseram não ter se adaptado de alguma forma e citaram alguns motivos: tamanho pequeno da casa, pelo bairro e etc. Apenas 12% diz não ter conseguido o benefício e por isso se obrigou a morar em outra moradia, 38% são pessoas que não corresponderam a nenhum desses motivos e entraram na categoria “outros”.

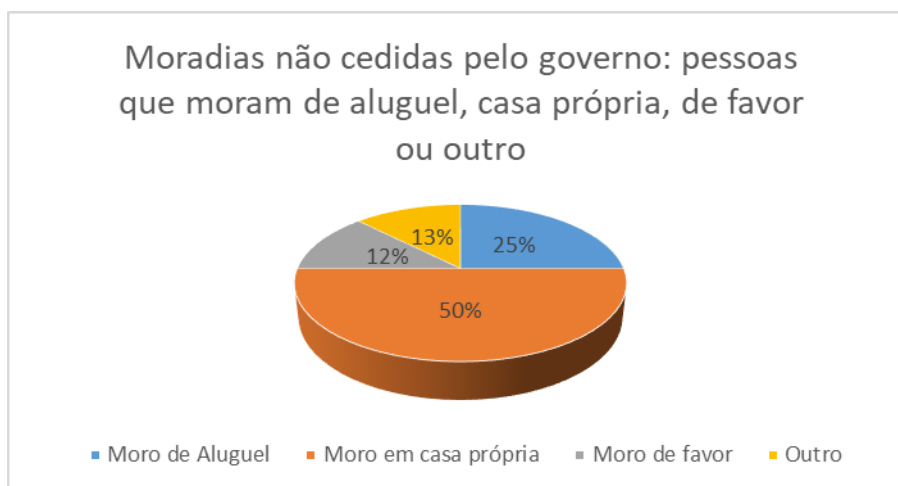
GRÁFICO 16 – MOTIVOS PARA NÃO MORAR NAS MORADIAS COHAPAR



FONTE: O autor (2018)

Quanto aos respondentes que não moram em casas cedidas pelo Estado: 50% respondeu morar em casa própria, 25% de aluguel, 12% mora de favor com familiares e 13% não respondeu ou deu outro motivo.

GRÁFICO 17 – MORADIAS NÃO CEDIDAS PELO GOVERNO

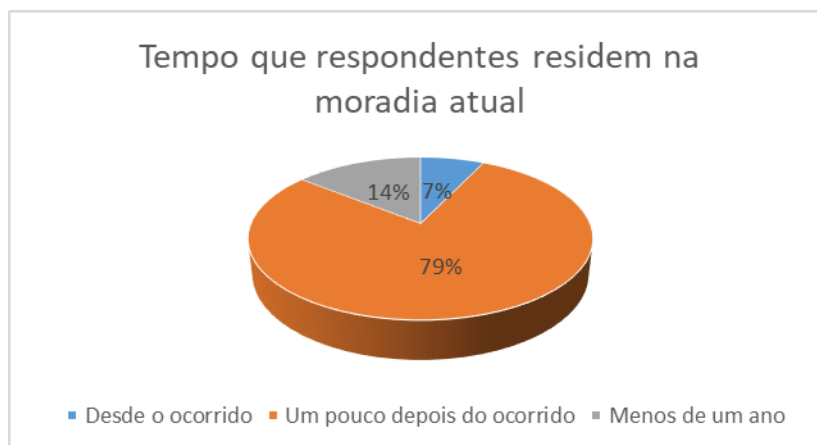


FONTE: O autor (2018)

De todos que responderam o boletim, 79% dizem morar na residência atual um pouco após o ocorrido, apenas 7% desde que aconteceu o deslizamento e 14% a menos de um ano.

Observa-se, que a maioria das pessoas está na mesma moradia a um certo tempo, onde só 14% disseram mais recentemente terem se mudado (menos de um ano), isso mostra que de certa forma, a um aceitação e adaptação as suas realidades.

GRÁFICO 18 – TEMPO DE RESIDÊNCIA



FONTE: O autor (2018)

6.6 VISÃO PESSOAL A RESPEITO DA MORADIA NO BAIRRO LARANJERIAS

Levando em conta que os dados de estrutura urbana poderiam ser muito parecidos, como pudemos observar no decorrer deste capítulo, colocamos também questões que visassem mostrar concepções pessoais de cada morador sobre sua antiga moradia e bairro, a fim de ter um entendimento do mesmo sobre sua própria qualidade de vida. Para isso utilizou-se os seguintes tópicos:

- Gostava do bairro e da casa;
- Tinha um apego pessoal com a casa e bairro;
- Minha mobilidade, num contexto geral urbano era melhor;
- Minha casa atual é melhor (considerando padrão de construção, localização, tamanho e etc.).

Através desses dados, podemos observar que para maioria das pessoas sua casa e seu antigo bairro tinha uma grande importância. No primeiro tópico, contamos com 100% das respostas dizendo que gostava do bairro e da casa, estes, diziam enquanto respondiam o questionário: “não tinha do que reclamar”. Contamos ainda, com 86% dizendo que possuíam sim algum apego com o antigo lugar que morava, seja por morar no local a muito tempo, por ser uma herança de família e etc.

A mobilidade foi um ponto bem focado na perspectiva pessoal dos moradores, tendo em vista que o bairro Laranjeiras possuía uma das melhores localizações em termos de proximidade dos pontos mais importantes da cidade, como, por exemplo, o centro histórico.

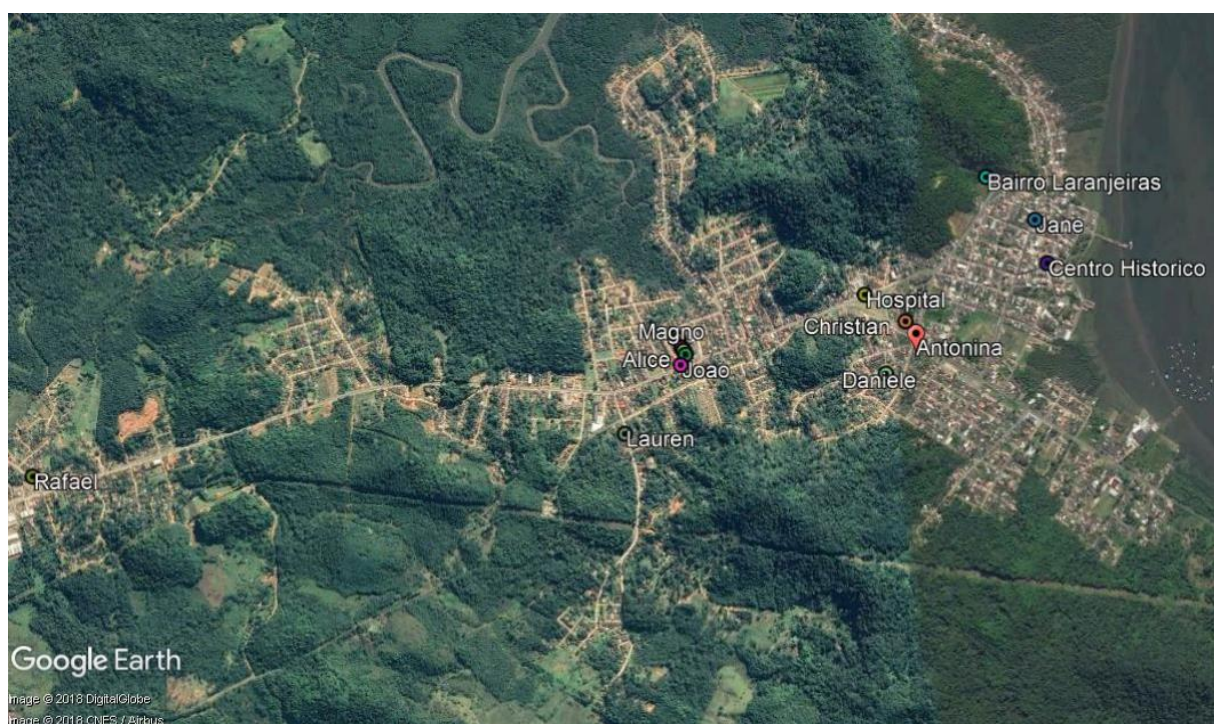
Os autores Almeida, Giacomini e Bortoluzzi (2013) discutem sobre mobilidade e acessibilidade urbana, mostrando como este tema está diretamente ligado principalmente as desigualdades sociais. Eles definem a compreensão da mobilidade urbana “como a facilidade de deslocamento das pessoas na cidade, utilizando diferentes meios, vias e toda a infraestrutura urbana” (ALMEIDA, GIACOMINI E BORTOLUZZI, 2013, pg. 4), tudo isso levando em conta critérios de conforto, segurança e tempo de deslocamento.

Com isso, esse tema abrange para os respondentes a interpretação de que: se morassem no Laranjeiras atualmente, ficaria mais fácil se locomover para as mais diversas funções como ir trabalhar, ir ao mercado, para uma área de lazer e etc.

A partir disso, foi elaborado também um cadastro georreferenciado das moradias atuais dos respondentes, mostrando por meio de imagens de satélite a localização das mesmas, onde podemos observar a distância das moradias em relação ao Bairro Laranjeiras, Centro Histórico e outros locais da cidade.

Dos 14 entrevistados, 3 optaram por não disponibilizar sua localização e o resultado ficou da seguinte forma:

FIGURA 12 – GEORREFERENCIAMENTO DA MORADIA ATUAL DOS RESPONDENTES

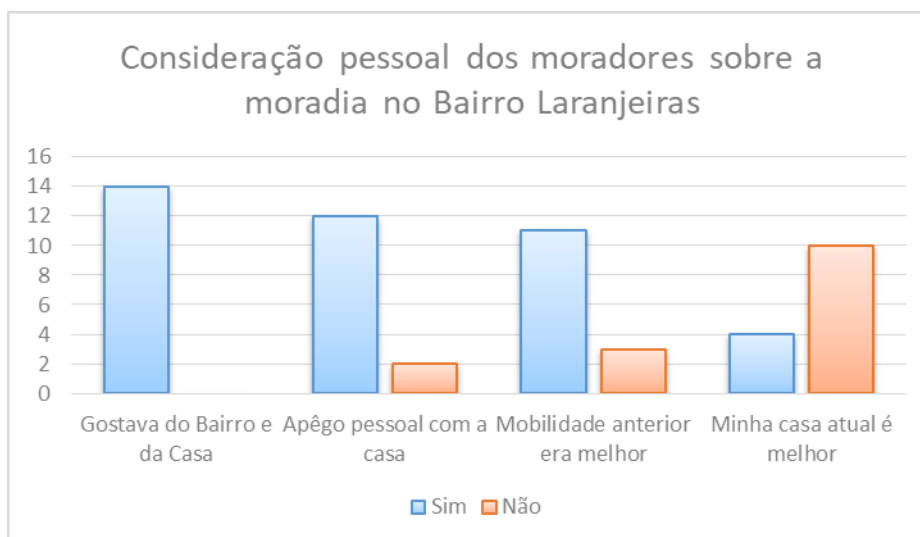


FONTE: O autor (2018)

Apesar de Antonina ser uma cidade com área urbana relativamente pequena e conseqüentemente os locais serem, de certo modo, próximos, a taxa de resposta significativa aparece, onde 79% considera sua mobilidade anterior melhor.

Para o último dado dessa perspectiva dos moradores, temos uma pergunta bem direta: “considera sua moradia atual melhor”? 72% respondeu que não, sua moradia atual é inferior a qualidade da moradia anterior.

GRÁFICO 19 – VISÃO PESSOAL DOS MORADORES



FONTE: O autor (2018)

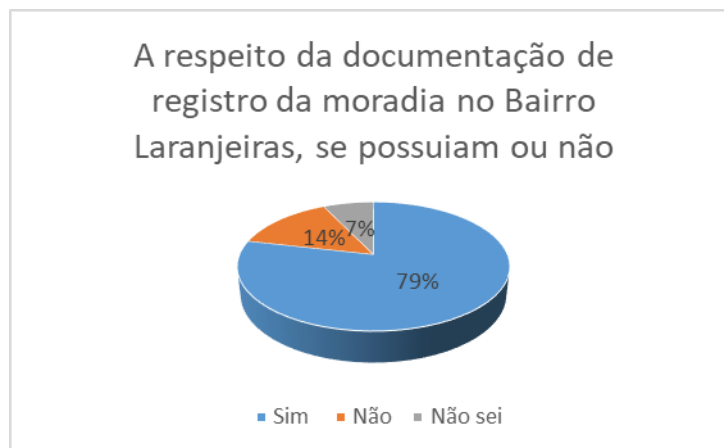
Um dos dados abordados, que diferem do que seria pressuposto, no entanto, está na questão da documentação. Por ser uma encosta de morro e uma possível área de risco, era de se pensar que a maioria dos imóveis da região não possuía documentação registrada em cartório, ou seja, seriam lotes irregulares, ou como são mais conhecidos, as posses. Mas, com o decorrer da pesquisa, sabendo que o bairro laranjeiras era um dos mais antigos do Antonina, temos resultados diferentes do que se pensava.

O Arquivo Municipal, disponibilizou documentações datadas da década de 50, onde se fazem doações de terrenos, estes documentos aprovados pela Prefeitura Municipal.

O número de 79% dos respondentes, disseram que seus imóveis possuíam toda a documentação necessária e que não era posse. Apenas 14% disse não possuir documentação, sendo, portanto, lote irregular e 7% diz não saber sobre a documentação do imóvel. Compreende-se que essas moradias pagavam imposto

(IPTU), possuíam registro (a maioria) e mesmo assim nada foi feito pelos órgãos governamentais para que as pessoas soubessem do risco que corriam ao ocupar aquela a área.

GRÁFICO 20 – DOCUMENTAÇÃO DOS IMÓVEIS NO LARANJEIRAS



FONTE: O autor (2018)

O tempo em média de moradia no local levantado pela pesquisa e, logicamente até o ano do acidente, foi de 17,6 anos. Contando um máximo de 60 anos de moradia no local, um dos moradores mais antigos e com um mínimo de 1 mês, um dos últimos a se mudar para o local.

6.7 O DESASTRE PELA PERSPECTIVA DOS MORADORES

Sabe-se que o direito à moradia é constitucional, todo o brasileiro tem o mesmo, consta-se no Art. 6º que “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia...” (Constituição Federal de 1988), porém o cuidado que o município tem com a sua população devem partir do mesmo.

Antonina, possui ainda um Plano Diretor⁶ (Lei nº 20/2008), que apesar de ser relativamente novo datado de 2008, possui diretrizes sobre ocupações em toda a cidade, inclusive em áreas mais irregulares. Podemos observar, por exemplo no Art. 4º inciso VII que é papel do Plano Diretor municipal “impedir a

⁶ Lei Municipal considerado instrumento de política urbana, instituído pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei Federal 10.257/10 (Estatuto das Cidades), sendo obrigatório a cidades com mais de 20 mil habitantes ou cidades que possuam potencial turístico, visando um melhor planejamento das mesmas.

ocupação antrópica de locais inadequados, que possam colocar em risco os recursos naturais e os próprios ocupantes...”.

A última parte do questionário apresentado, contou com um dos temas mais relevantes da pesquisa, a ideia seria de abordar questões diretas que compreendesse e mostrasse a realidade vivida pelas pessoas em 11 de março de 2011, no Bairro do Laranjeiras. Principalmente, qual foi o posicionamento do governo, tanto municipal quanto estadual (sendo prevista a participação dos mesmos em lei), para que tal desastre tivesse sido evitado. Com esses dados podemos também ter uma noção da perda de patrimônios, tanto econômicos (casas, imóveis, roupas e etc.), quanto pessoais, no caso de perde entes queridos (amigos e familiares)

De início, visando entender a participação governamental durante o período do desastre, foram feitas duas perguntas:

- Existiu algum aviso prévio dos órgãos municipais sobre o risco de deslizamento no Bairro?
- Foi realizado algum projeto, anterior ao acidente, para realocar ou alertar as pessoas em outro local?

Os resultados de tais dados são: 100% dos moradores respondendo que não, nas duas perguntas feitas. Podemos desta forma, ter a certeza do total descaso do governo com a situação dos moradores do Bairro, que moravam em uma encosta de morro, obviamente uma possível área de risco, pagavam impostos para a prefeitura e, nem se quer tiveram uma alerta prévia que algo poderia acontecer.

Isto levando em conta, ser previsto no Art. nº 34 do Plano Diretor nos incisos:

VII – “Garantir a segurança e a salubridade das edificações”;

XXII – “Relocar o maior número de famílias possível que se encontra sobre áreas de preservação permanente como encosta e mangues. ”

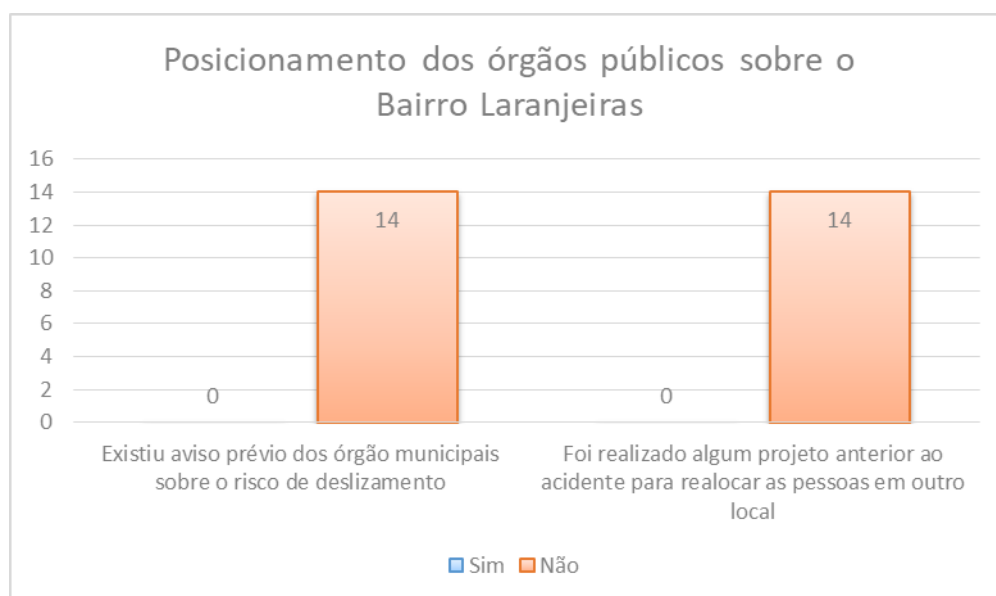
Apesar da ocupação no Bairro Laranjeiras ser antiga se comparado a criação de leis ambientais, nada impedia medidas dos órgãos governamentais sobre o mesmo, visando evitar possíveis desastres. A Lei nº 12.608/12⁷, apesar de ter sido criada após o acontecido, é citada pelo CAO (2017), onde o mesmo aborda obrigações dos municípios para atuação preventiva previstas na lei:

⁷ Instituiu o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil

[...] incorporar as ações de proteção e defesa civil no planejamento municipal; identificar e mapear as áreas de risco de desastres; promover a fiscalização das áreas de risco de desastre e vedar novas ocupações nessas áreas.
(CAO, 2017, pg. 8)

Lembrando dados que já foram mostrados no decorrer da pesquisa (capítulo 4), março foi um período de muitas chuvas, ou seja, não choveu apenas um dia ou dois, mas sim por um longo período naquele mês. Os moradores, moravam sim em uma área de risco, porém leigos no assunto não poderiam saber de forma concreta o risco que estavam correndo ao causarem impactos sobre aquela área.

GRÁFICO 21 – POSICIONAMENTO DOS ÓRGÃOS PÚBLICOS

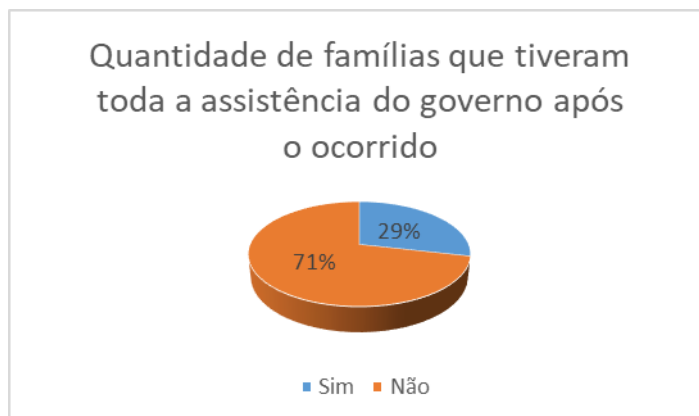


FONTE: O autor (2018)

Como observa-se que a participação do governo para prever a população do bairro sobre o deslizamento, é considerada pelos moradores como sendo nula. Constata-se também, quase que da mesma forma, uma pequena participação do mesmo para com os moradores após o ocorrido.

Quando feita a pergunta “tiveram total assistência do governo após o ocorrido”? Apenas 29% respondeu que sim, tiveram algum tipo de ajuda provida do município e do estado, 71% disse não ter recebido qualquer ajuda. Muitos dos moradores disseram, durante a aplicação do questionário, que a participação da comunidade foi fundamental, ajuda com alimentos e local para se abrigar vindo de amigos, familiares e igrejas.

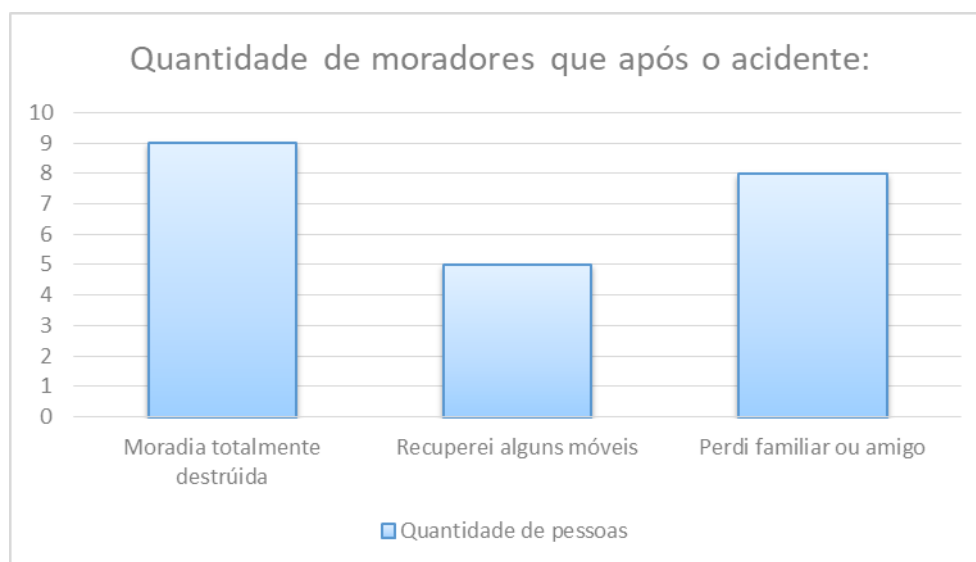
GRÁFICO 22 – ASSISTÊNCIA DO GOVERNO



FONTE: O autor (2018)

De todos os respondentes, 64% tiveram a moradia totalmente destruída, não conseguindo recuperar nenhum tipo de objeto de dentro, estes dizendo terem que sair às pressas para não correr mais algum tipo de risco. Ainda 36% conseguiu recuperar algum móvel ou objeto pessoal. Dos 14 boletins, 8 constavam ainda que o respondente perdeu algum familiar ou amigo, isto é, 57%.

GRÁFICO 23 – DANOS E PERDAS



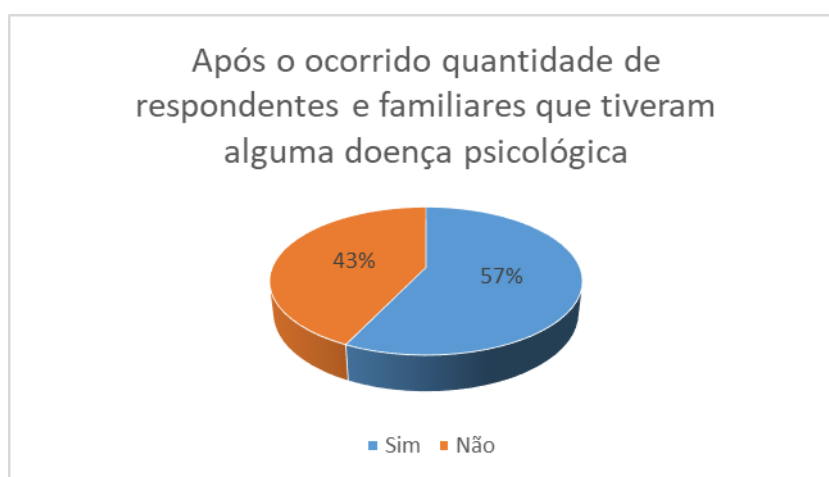
FONTE: O autor (2018)

Finalizando o questionário, a pergunta pessoal feita foi se o respondente ou algum familiar tiveram/têm, algum trauma ou doença psicológica. Destes, 57% diz

que sim, teve algum tipo de doença psicológica, na área destinada para citarem quais são eles, caso a resposta fosse sim, pudemos contar com:

- Crise de ansiedade por não ter local para morar;
- Síndrome do pânico sempre que ocorre chuvas fortes, tempestades, ventos;
- Síndrome do pânico;
- Ansiedade;
- Início de depressão;
- Pesadelos recorrentes e com memórias nítidas do acidente.

GRÁFICO 24 – PESSOAS QUE TIVERAM DOENÇAS PSICOLÓGICAS



FONTE: O autor (2018)

6.8 RELATOS PESSOAIS: MARCAS DE 11 DE MARÇO DE 2011

Os acontecimentos registrados no desastre do Laranjeiras, ficará marcado sempre na memória das pessoas que ali viviam. É certo que apesar de muitas famílias estarem em situações relativamente estáveis atualmente, suas vidas sofreram diversas mudanças desde o período da fatalidade até hoje.

Mudanças não só na rotina, mas no modo em como as pessoas veem a vida e o meio em que vive, tendo em vista dados onde verificou-se várias pessoas com problemas psicológicos pós desastre, por exemplo.

O presente tópico aborda a pesquisa de caráter qualitativa, onde utilizou-se da entrevista informal (definida em metodologia) visando abordar aspectos que marcaram a vida das pessoas na época ou que continuam interferindo suas vidas de alguma forma.

A entrevista e o decorrer da conversação foram determinados por uma única pergunta: “o que foi mais marcante na sua vida com tudo que aconteceu?”.

Os relatos levantados são imprescindíveis para a pesquisa, tendo suma importância na compreensão e submersão da realidade vivenciada pelas pessoas.

O primeiro relato é da Dona Maria⁸, suas palavras foram as seguintes:

É difícil descrever um momento marcante devido a tudo que aconteceu, mas sempre tem algo supera a todos os outros. O desastre em si ocorreu no dia 11 de março de 2011 certo? Mas a minha experiência começou no dia 10 de março! A minha casa foi uma das primeiras a serem atingidas pela lama... Era um dia comum, sim, estava muita chuva, mas já passamos por outros dias assim. Estava nas minhas atividades diárias, quando de repente escutei um barulho diferente e fui lá fora verificar, quando cheguei nos fundos da minha residência uma certa quantidade de lama havia cedido do morro de trás da minha residência e como não era uma quantidade tão elevada de lama, desviou pelas laterais da minha casa. Algo assim nunca tinha acontecido, fiquei desesperada e os bombeiros foram acionados. Quando os bombeiros vieram e analisaram a situação, viram que mais terra poderia descer e fomos auxiliados a deixar o local. O que me deixou mais triste, foi quando soube por amigos e vizinhos que minha moradia havia sido demolida devido aos riscos de deslizamento no local sem qualquer prévio aviso, com tudo dentro. Atualmente ainda brigo na justiça devido a este ocorrido. **(Maria, 51, Natural de Antonina, ex-moradora do Bairro Laranjeiras).**

Atualmente, Maria mora com a família na casa da Mãe no Centro da cidade.

Outra pessoa que contribuiu com relato foi a Dona Joyce, durante a conversação contou que possui 27 anos de formação profissional, e desde março de 2011 não exerce sua profissão, Joyce afirmou:

O que aconteceu no Laranjeiras, foi de longe uma das piores experiências da minha vida. Eu morava em São Paulo, onde possuo apartamento e exercia minha profissão a qual sou formada há 27 anos, podóloga. Me mudei para Antonina para ficar próxima ao meu filho que estava se adaptando ao divórcio, sendo assim ia ajudá-lo também a cuidar dos meus netos. Fazia apenas 1 mês que eu tinha me mudado para o bairro quando aconteceu o deslizamento, sendo uma reviravolta e tanto na minha vida. Perdemos toda a casa em que morávamos, com tudo dentro, inclusive todos os meus aparelhos de profissão que tinham custo altíssimo. Com isso, até hoje sou impedida, por diversos fatores, de exercer minha profissão que amo tanto.

⁸ Os relatos abordados pelo presente subcapítulo são verídicos, porém, os nomes utilizados são fictícios.

(Joyce, 69, natural de Paranaguá, ex-moradora do Bairro Laranjeiras).

Joyce é uma das pessoas que residem atualmente nas moradias COHAPAR no Bairro do Batel, ela ainda diz que a questão de mobilidade é muito difícil de lidar, tendo em vista que um de seus netos sofreu um acidente e possui movimentos do corpo restritos devido a sequelas. Segundo a mesma ele necessita de fisioterapia diária e a locomoção até o hospital é muito difícil.

Claudia, ex-moradora já citada na pesquisa (capítulo 4), é junto de seu marido Pedro, uma das moradoras mais antigas do Bairro. A mesma diz morar no local desde os 2 anos de idade, e que na época no acidente estava com 61 anos. Claudia e Pedro disseram:

Tudo que aconteceu foi muito difícil, mas de tudo, o que foi mais difícil é ter deixado o local que moramos por tanto tempo, onde construímos nossas vidas, onde carregamos o legado de nossas famílias. Pensamos que logo no dia seguinte poderíamos voltar a nossa casa, pensamos que tudo voltaria ao normal, que era somente um contratempo, porém, a defesa civil nos proibiu de retornar e tivemos que deixar tudo para trás, é inacreditável como tudo muda da noite para o dia, uma vida inteira ficou no laranjeiras em meio aos escombros. Tudo é muito difícil nos dias de hoje, conseguimos nos adaptar e a vida segue. Não gostamos nem um pouco desta casa, acho que merecíamos mais, e com o dinheiro que o estado gastou para construir essas casas com certeza era possível revitalizar o laranjeiras.

(Claudia, 68, natural de Antonina; Pedro, 73, natural de Antonina, ex-moradores do Bairro Laranjeiras).

Ambos, assim como a ex-moradora Joyce, residem atualmente em uma das moradias COHAPAR.

Percebe-se ao longo do capítulo, que sim, as pessoas atualmente se adaptaram, de uma certa forma, com seu modo de vida. A infraestrutura urbana se mantém presente e em alguns pontos é muito parecida com a do antigo bairro, deixando a desejar em alguns pontos como a mobilidade e a segurança. Porém, a marca deixada pelo desastre em 2011 vai além, e quando mostra-se uma perspectiva dos moradores observa-se grande apego com o laranjeiras e em como era o modo de viver antes do ocorrido.

Compreende-se que todas as pessoas que ali viviam possuem uma perspectiva diferente sobre tudo que aconteceu, e principalmente, carrega consigo algo que marcou no período. O deslizamento de terras, ocorrido em março de 2011,

no Bairro Laranjeiras em Antonina-PR, mudou a vida de todas as pessoas que ali viviam, seja com um impacto mínimo ou com um impacto de maior proporção, como no caso da ex-moradora Joyce. Constata-se, através deste estudo, que além do acontecimento ser registrado como um dos maiores desastres ambientais da cidade de Antonina, é também cenário de grande impacto social na vida das pessoas que ali viviam.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou a compreensão da realidade vivida pelas pessoas que povoavam o Bairro Laranjeiras, durante o deslizamento de terras que ocorreu em março de 2011, isto é, como suas vidas foram impactadas no contexto social. Com isso, pôde-se perceber a necessidade de políticas públicas para com pessoas que ocupam áreas irregulares na cidade de Antonina.

Para se atingir um entendimento dessa realidade, definiram-se alguns objetivos específicos: identificar e analisar conceitos sociais e ambientais, compreender e contextualizar o Bairro Laranjeiras, levantar o que ocasionou o desastre ambiental no Bairro Laranjeiras, analisar onde (local) essas famílias foram realocadas (caso tenham sido). Estes foram levantados por meio de pesquisa bibliográfica, tendo sido todos os objetivos respondidos e abordados ao decorrer do trabalho.

Analisou-se como o homem se institui em sociedade e como, a partir disto, começa a se desdobrar consequências do modo de viver humano, sendo um deles, por exemplo, os problemas sociais. Observou-se que os impactos ambientais ocorrem também por ação da natureza, mas que por sua vez ocorre principalmente pela ação do homem sobre o meio ambiente, o modificando positivamente ou negativamente.

O Bairro Laranjeiras se desenvolveu a partir de um processo de urbanização da região da cidade hoje conhecida como Antonina no Litoral do Estado do Paraná. Percebe-se que este desenvolvimento local não se deu pelo chamado êxodo rural, mas sim pelo período de exploração que o Brasil se encontrava, onde a busca por minérios e metais preciosos eram intensas. O Bairro então, um dos mais antigos e tradicionais da cidade, cresceu ao longo do Morro do Bom Brinquedo, sem um planejamento adequado e sem estudo de qualquer impacto ambiental.

Deste modo o desastre ocorreu: por interações do homem e da natureza. Isto foi levantado por alguns autores, como Lopes e Souza (2012), que realizaram uma pesquisa específica sobre os deslizamentos da época. A ação do homem ao longo dos anos, na localidade do Bairro, modificou diretamente o solo, afetou a fauna e a flora, tudo isto se complementou com forças da natureza, isto é, chuvas intensas que o mês de março em 2011 enfrentou na região.

Após o deslizamento, o maior desastre ambiental já registrado na cidade de Antonina, pessoas foram alertadas pelo corpo de bombeiros e pela defesa civil a deixarem suas residências, algumas pessoas perdendo todos os bens materiais, sendo registrado até mesmo mortes. Começou, a partir de então, uma mobilização do governo municipal e estadual, buscando algum local para que pudessem construir habitações que fossem disponibilizadas a estas pessoas. Isto ocorreu em parceria com a COHAPAR e hoje estas habitações já existem.

O capítulo análise de dados, deu-se por pesquisa de campo de cunho quantitativo e qualitativo, realizadas por meio da aplicação de um questionário e de entrevista informal (conversação). Observa-se, após todos os dados levantados, que a questão econômica e de estrutura urbana atual não é algo tão diferente quando comparado ao que os moradores possuíam anteriormente. Tendo em vista que isto poderia ocorrer, quando abordado questões perspectivas pessoais e de vivência no período do desastre, percebemos a falta de participação do governo em todo o processo (antes e depois).

Já quando a pesquisa visou abordar a perspectiva dos ex-moradores é que se faz presente grande parte dos impactos sociais. A maioria deixa claro um apego com o antigo bairro e casa, exaltando dois pontos chaves: mobilidade e segurança.

Constata-se que a mobilidade da maioria dos moradores era melhor no antigo bairro, tendo em vista que o mesmo possuía uma localização privilegiada sendo próximo aos principais pontos da cidade como centro e hospital, por exemplo. Muitos mostram estarem insatisfeitos com a segurança atual, seja pelo bairro possuir certo índice de criminalidade, ou seja, por falta de fiscalização por parte da polícia, citando ainda, que o Laranjeiras era um bairro onde todos se conheciam, e que apesar de terem suas diferenças, todos se davam bem e se respeitavam, onde a criminalidade era praticamente nula.

Algumas pessoas tiveram o rumo de suas vidas completamente modificados, e outras possuem marcas até hoje com tudo que aconteceu, os problemas psicológicos levantados são um exemplo disto.

Ficou nítido que a falta de eficácia das gestões municipais para com o Bairro do Laranjeiras, este que possuía tantos valores históricos para a cidade e a presença de um dos mais belos pontos turísticos. Como vimos ao longo da revisão de literatura, existem inúmeras ferramentas e políticas que poderiam ser utilizadas para evitar tal fatalidade, o Plano Diretor Municipal é uma delas.

Percebe-se que nesta área se encontra um grande campo de atuação do Gestor Imobiliário, sendo uma mão de obra especializada no planejamento urbano de uma cidade. O comprometimento do profissional, pode fazer com que situações, como a que ocorreu com as famílias do Bairro Laranjeiras, possam ser evitadas no futuro.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Bruno P. As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental. Rio de Janeiro, RJ. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz. 2007.
- ALMEIDA, Arley F. Preservação ambiental: o homem e o planeta ameaçado. Curvelo, MG. Universidade Norte do Paraná. 2011.
- ALMEIDA, E. P.; GIACOMINI, L. B.; BORTOLUZZI, M.G. Mobilidade e acessibilidade urbana. **2º Seminário Nacional de Construções Sustentáveis**, 07-08 nov. 2013.
- ALVES, Cainã. **A Influência da Política Pública na Escola de Samba do Batel de Antonina-PR nos Carnavais de 1994 a 2014**. Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Artes, Comunicação e Design. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- ANTONINA (Município). Lei nº 20, de 08 de agosto de 2008. Dispõe sobre o plano diretor municipal de Antonina, estado do Paraná, e dá outras providências. **Legislação do Município de Antonina**, Paraná, 02 de agosto de 2008. Disponível em: <http://leismunicipais.com.br/plano-diretor-antonina-pr>. Acesso em: 10 novembro 2018.
- BARBOSA, Emanuel A. **A Avaliação de Impacto Ambiental como Instrumento Paradigmático da Sustentabilidade Ambiental no Direito Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Direito Econômico e Social) – Programa de Pós-Graduação em Direito Econômico e Social, Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2006.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério das Cidades - Instituto de Pesquisa Tecnológica – IPT. **Mapeamento de Riscos em Encostas e Margens de Rios**. Brasília, 2007.
- BRASIL, Resolução CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986. Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para a avaliação de impacto ambiental. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 fev. 1986. Seção 1, pg. 2548-2549.
- CAO. Conselho de Apoio Operacional – **Áreas de risco**. São Paulo, 2017.
- CARDOSO, Marcelo C.; Arruda, Emerson M. Análise ambiental e ocupação de áreas de risco na bacia do córrego dos ouvíres, salto de Pirapora-SP. **Revista Eletrônica de Geografia**, v.7, n.19, p. 34-50, jun. 2016.
- CARVALHO, Joelma M. As relações homem natureza e a problemática ambiental na educação brasileira. 2011.

CARVALHO, Sabrina G. **Resgate histórico do bairro da laranjeira: uma iniciativa para revitalização sócio ambiental da fonte da laranjeira**. Projeto Laranjeira – CEEP DR. BRASÍLIO MACHADO. Antonina, 2012.

CASTRO, Eduardo V. O conceito de sociedade em antropologia: um sobrevôo. 2002.

CASTELLANI, Célio A. **Educação ambiental para recuperação e preservação de áreas de fragilidade ambiental em morros urbanos, o caso da ocupação do morro laranjeira em Antonina-PR**. Artigo Científico (Pós-Graduação em Geografia) – Curso de Pós-Graduação e Extensão. FAVENI, Antonina, 2016.

CHAVES, Sammya V. V.; LOPES, Wilza G. R. Riscos, perigo e vulnerabilidade em áreas urbanas: uma discussão conceitual. **IV Encontro Nacional da Anppas**, jun. 2002.

CUNHA, Elida L.; SUARTE, Jaqueline S. M. Impacto ambiental: uma perspectiva dos conceitos relacionados à efetividade dos princípios utilizados pelo EIA-RIMA. 2017.

DESENVOLVER TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS, Sustentabilidade e ações para o futuro de Antonina. **Workshop Ecopolis**. 2012.

FAEP. Boletim Informativo – A revista do Sistema. **Antonina O Porto da Esperança**. Paraná, 2012.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FILHO, Gerson R. O. Uma breve reflexão sobre o conceito de impacto ambiental. **Revista CES**, Juiz de Fora, v.27, n.1, p.15-28, jan. - dez. 2013.

FONSECA, José S. da. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará, 2002.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IPEA. Instituto de Pesquisa econômica aplicada - **Infraestrutura social e urbana no Brasil**: subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas. Vol. 2. Brasília, 2010.

IPHAN. História de Antonina. Disponível em: <http://portal.iphan.gov/pagina/detalhes/389>. Acesso em: 24 abril 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Sociologia geral**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LEÃO, Ermelino A. de. **Antonina: factos e homens**: da idade archeolithica à elevação à cidade. Antonina: F. J. Gonçalves, 1926.

LOPES, Felipe C.A.; SOUZA, Rodrigo M. Análise de um evento extremo e desastre natural nas cidades de Antonina/PR e Morretes/PR. 2012. Paraná. UFPR.

LOPES, J.B.R. Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acesso em: 25 agosto 2018.

MENDONÇA, Francisco. **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba: UFPR, 2010.

MERKSENAS, P. **Sociologia**. São Paulo: Cortez, 1994.

MILARÉ, Édis. Estudo prévio de impacto ambiental no brasil. In: MULLER – PLANTENDERG, C.; AB' SABER, A. N. **Previsão de Impactos**. São Paulo: Edusp, 2002. p. 51-84.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica, 2003.

NAIME, Roberto. O que é meio ambiente? Centro Universitário de FEEVALE. RS 2010. Disponível em: <http://vivoverde.com.br/o-que-meio-ambiente/>. Acesso em:

OLIVEN, R.G. Urbanização e mudança social no Brasil. **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acesso em: 02 setembro 2018.

OIT; ZWI. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Vol 3. São Paulo: Abril, 1971.

PARQUE MUNICIPAL DO LARANJEIRA: proposta de criação de uma unidade de conservação no município de Antonina. **CEEP Dr. Brasílio Machado**, Antonina, 2013.

PREFEITURA DE ANTONINA. História da Cidade. Disponível em: http://antonina.pr.gov.br/pagina/78_Historia.html. Acesso em: 24 abril 2018.

SILVA, Pedro P. L. e. **Dicionário brasileiro de ciências ambientais**. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

SPOSITO, Maria E.B. **Capitalismo e urbanização**. Editora Contexto, 2005.

TRONCO, Giordano B.; RAMOS, Marília P. Linhas de pobreza no plano brasil sem miséria: análise crítica e proposta de alternativas para medição da pobreza conforme metodologia de Sonia Rocha. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro 51(2):294-311, mar./abr. 2017.

ANEXO A – REFERÊNCIAS A FONTE DA LARANJEIRA, ARQUIVOS DISPONIBILIZADOS PELO ARQUIVO MUNICIPAL DE ANTONINA

FONTE DA LARANJEIRA.

Fonte da Laranjeira, tão ou quase antiga como o Fonte Imperial da Carioca, situa-se próximo da base da Pedra do Penhasco, no Morro do Bom Brinquedo.

Em meio secular arvoredo, veem estas águas correndo sobre pedras e refrigeram naturalmente, saciando a sede do que vem da cidade ou da beira mar.

A fonte tem sua área de abrangência ampliada, pois engloba o Morro do Bom Brinquedo, que possui um Mirante e um ponto de saída dos adeptos de Asa Delta, engloba também o seu acesso, a rua D, Pedro II e a área anterior à rua que permitiria a criação de uma praça.

Seu nome, nativo é "Fonte da Laranjeira", naquele bucólico, poético e inspirador recanto Guarapirocabense à baixada do panorâmico Morro do Bom Brinquedo, a natureza, no privilégio de seus encantos, fez nascer naquele florido bosque, belo da copada, com folhagem, soberbo aspecto, qual monumento, uma laranjeira de qualidade seleta.

Daí, tomar o nome "Fonte da Laranjeira". Isso, porque, lá apenas, havia uma árvore laranjeira, em baixo da qual, por um cano de madeira "Jiçara", corria límpida água potável.

Aproveitando-se, porque a "Jiçara" ia envelhecendo com os anos, a Municipalidade de então, dando-lhe data, construiu um chafariz com torneira permanentemente correndo água fresca deliciosíssima.

Assim como a Fonte da Carioca, foi de grande importância para o abastecimento de água da cidade. Foi construída em 1906 e conserva até hoje seu aspecto original e constitui-se numa atração ligada aos primórdios da cidade. Conta com um caminho de paralelepípedos em meio a densa vegetação, situa-se numa bifurcação do início da trilha que leva ao Mirante da Pedra, numa vala do morro.

Localização : prolongamento da rua Theófilo Soares Gomes.



A LENDA DA FONTE DA LARANJEIRA

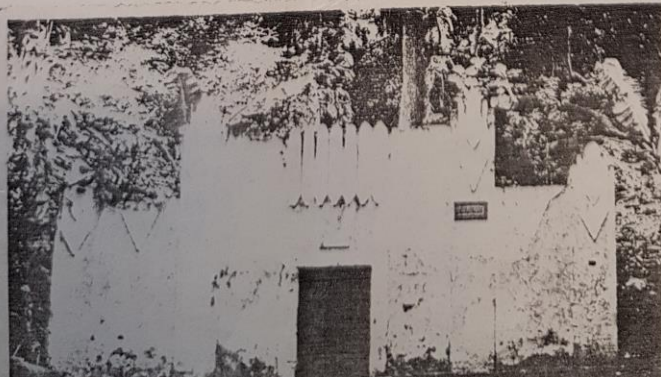
Fonte da Laranjeira
No pé do morro nasceu.
Desta água cristalina,
Muita gente já bebeu!

Tem uma linda história
Que pouca gente conhece,
Quem escutou a mesma
Dela jamais esquece!

Gregório, Filho de Gertrudes,
Corria o dia inteiro;
Camisa aberta ao peito
Corpo todinho suado,
Perto da fonte parou...

Foi quando ele avistou
E sorrindo ficou encantado!
Nas águas da Laranjeira,
Viu belo peixe dourado;
A mãe chamava Gregório,
Ele nada respondia.

Ao longe, um sino batia
E sem pressa, lentamente,
O peixe dourado sumia...



E os milagres se multiplicam.

A notícia corre mundo.

A notícia desses fatos sensacionais está colocando a nossa terra em posição de evidência jamais alcançada.

Orar é o "Diário da Tarde", de Curitiba, que lhe faz notáveis referências, há dias, foi o "Diário Canoca", do Rio de Janeiro, agora e a "A comarca" de São Gonçalo, no Estado do Rio que abre colunas em torno dos acontecimentos.

Segundo comunicado da professora Claudio Nara Pereira, o Doroswaldo Santos Filho do casal – Osvaldo e Doroti Santos, residente no Itapema, sofria há sete anos de um tumor na cabeça, a altura do Occipital, Região onde qualquer operação cirúrgica Tercio consequências funestas.

Os seus pais, em desespero de causa, na expectativa de perderem o Filho querido, suplicaram as graças de N. Senhora da Laranjeira, com cuja cristalina água passaram a banhar o Tumor que tanto Maltratava a pobre criança. E eis que na terceira aplicação, Doroswaldo Santos estava curado.

O menino a melhor, o Ex. Mártir Doroswaldo e neto do nosso velho amigo João Inácio de Souza e dona Cézara de Souza, sogros de Admaro Santos.

Quarta- feira penúltima, dia 23 de Março P. Findo desembarcou na Estação Ferroviária desta cidade as 10:10 da manhã, o Sr. João Vilkol, casado com 56 anos, procedente da colônia Santo Antônio, município de São José dos Pinhais.

Cego há três anos, João Vilkol, ouvira falar dos Milagre de Nossa Senhora da Fonte da Laranjeira e tomou a deliberação de vir até esta cidade.

Fê – lo, em boa hora, pois ao banhar os olhos com a água miraculosa, eis que imediatamente recuperou a vista.

O fato, extraordinariamente sensacional, testemunhado por dezenas de pessoas que ali se achavam nos foi comunicado pela Sat^l Luzita Pereira, a formosa "Miss Thalia" de Curitiba e filho do poeta Francisco Pereira da Silva.

Esteve terça feira último nesta redação a Alzira Alves da Glória, viúva do Sr. Franquelino Laguna da Silva, a qual veio comunicar – nos que estando sofrendo de uma atrofiado reumática que a impossibilitava de locomover –se há cerca de vários meses, sonhou com o seu extinto esposo que lhe recomendou que fosse a Gruta de Nossa Senhora da Fonte da Laranjeira e ali banhasse as pernas enfermas com a água miraculosa. Ao faze – lô, sentiu se realmente e de imediato, absolutamente jurado.

01

+ Nossa Senhora apareceu na Ba-
faujeira

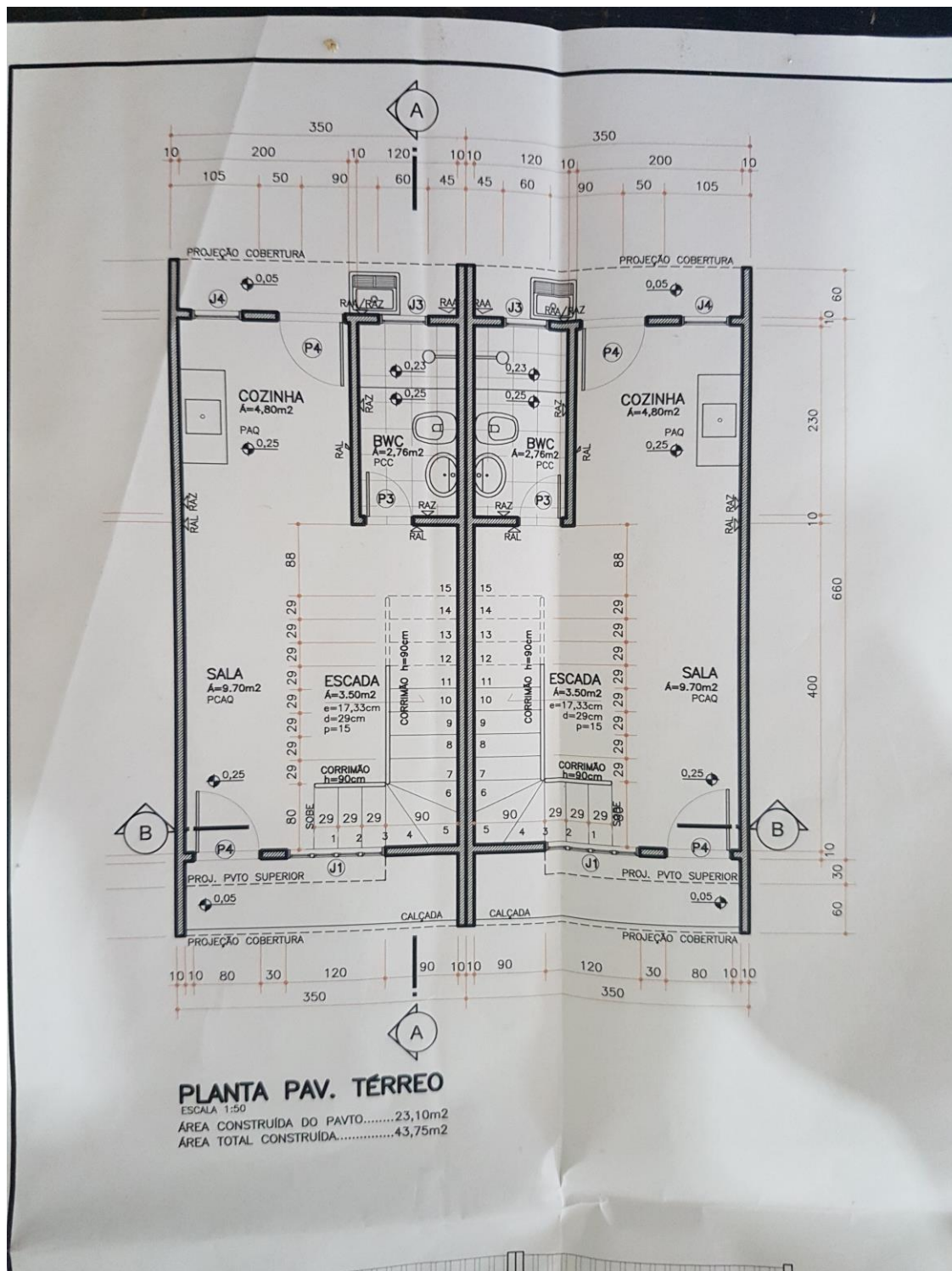
07

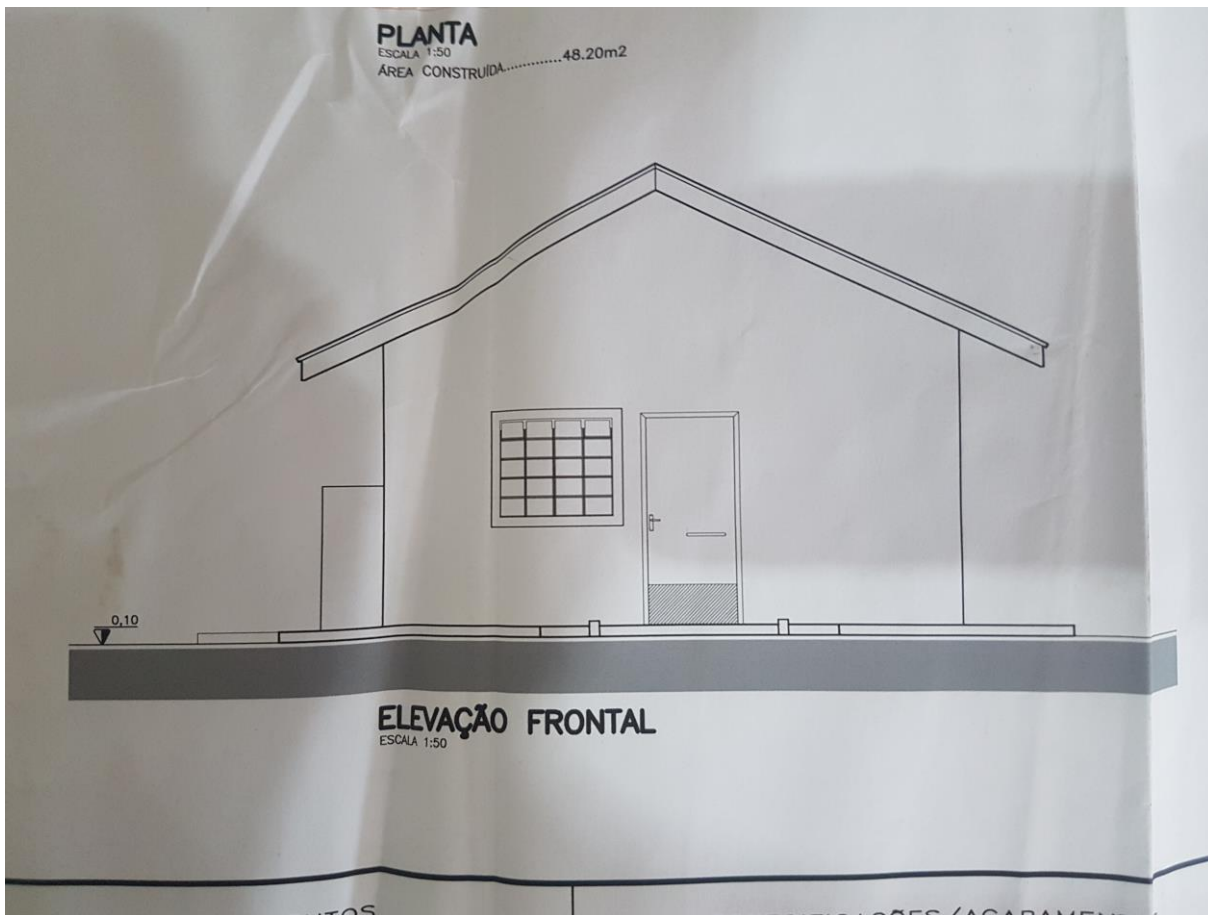
+ - O estranho fato está atraindo
muitos fiéis para esta
cidade. Milagres verificados -
02 fala-nos o Sr. Cap. Avelino L.
1942 D'Almeida.

+ A população de todo o Estado do
Paraná está vivamente empolgada
com os miraculosos sucessos da
"Fonte da Karanjera" nesta cidade,
na qual Nossa Senhora teria se
materializado e visto por dois me-
ninos que ali passavam.

+ Dado conhecimento o fato desper-
tou a atenção pública, tanto mais
porque a efígie de uma Senhora,
com todos os característicos de uma
santa, ficou gravada no interior
da represa de água ali existente
e conhecida pelo nome de Fonte da
Karanjera.

+ A propósito dos curiosos aconte-
cimentos fomos procurados pelo Sr.
Capitão Avelino da Costa D'Almeida,
digno oficial do Registro Civil e
antigo morador desta cidade, o
qual declarou-nos que a ocorrên-
cia sopra do conhecimento público
não é uma novidade absoluta,
pois há muitos anos, possivelmente
em 1905, um moço cujo nome é





ENGR. CIVIL - CREA 20795/PR
 PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTONINA
 SEC. DE PLANEJAMENTO E OBRAS

HELOISA DE SOUZA
 Arquiteta - CREA PR 21397/D

MORAR BEM PARANÁ

COHAPAR
 Companhia de Habitação do Paraná

MBP 48 PD
 (Pessoas com Deficiências)

| DIVISÃO | PRANCHA |
|-----------------|--------------|
| DVAU | |
| PROJETO | 01 |
| HELO | |
| DESENHO | |
| REGINALDO | 01 |
| ESCALA | DATA CRIAÇÃO |
| INDICADAS | 2011 |
| NOME DO ARQUIVO | |
| MBP 48 PD | |

PROJETO ARQUITETÔNICO
 PROJETO COMPLETO

| | |
|-----------|-----------------------------|
| HISTÓRICO | DATA PLOTAGEM: 15/06/2011 |
| | DATA SAVE: 13/06/2011 |
| | LOGIN DA ÚLTIMO SAVE: Regis |

DE TIPOLOS com MATÉRIAS
NA CONSTRUÇÃO ALTERNATIVAS

HELOISA DE SOUZA
Arquiteta - CREA PR 21397/D

MORAR BEM PARANÁ

MBP 43 SOB

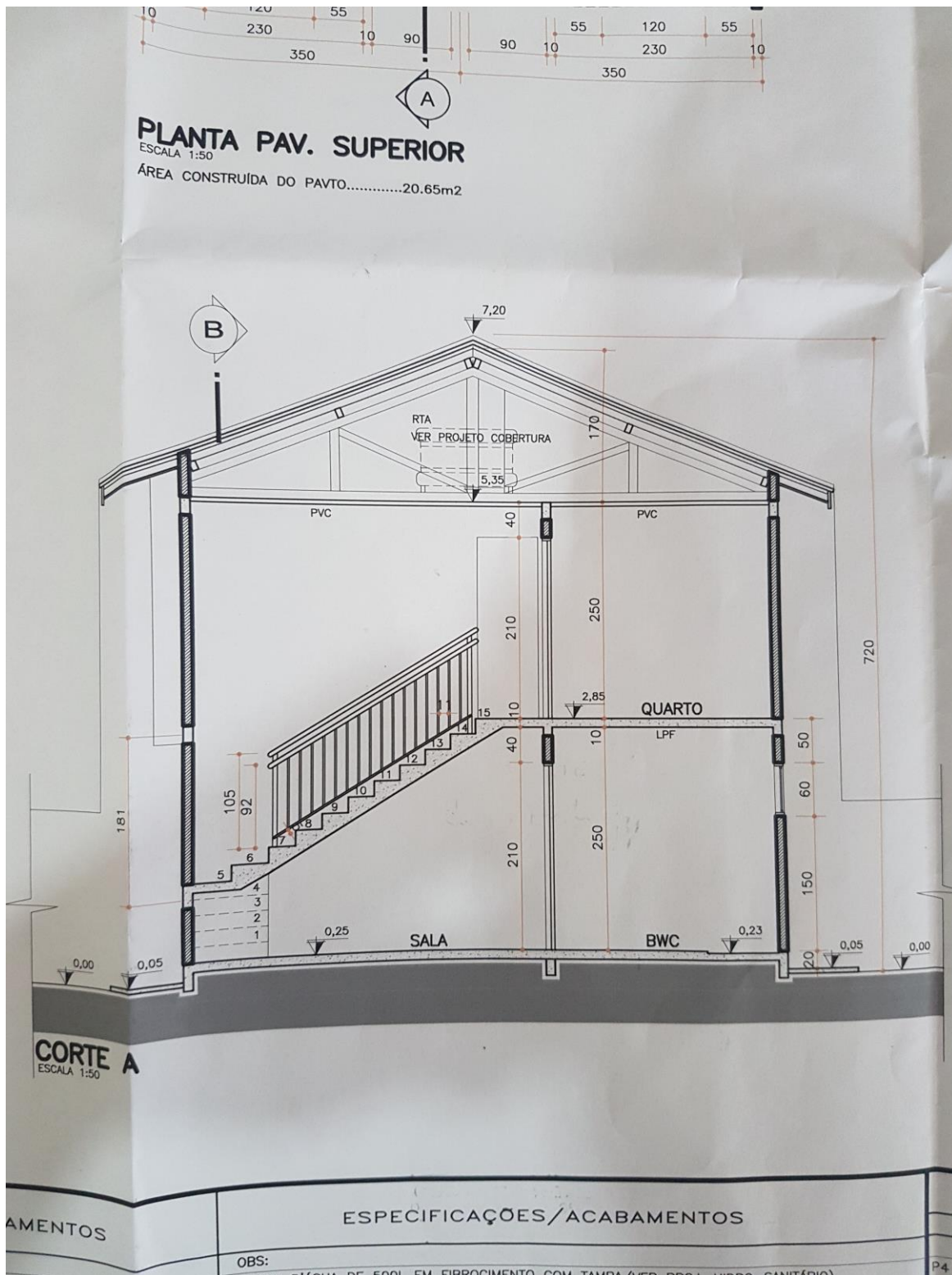
PROJETO ARQUITETÔNICO
PROJETO COMPLETO

COHAPAR
Companhia de Habitação do Paraná

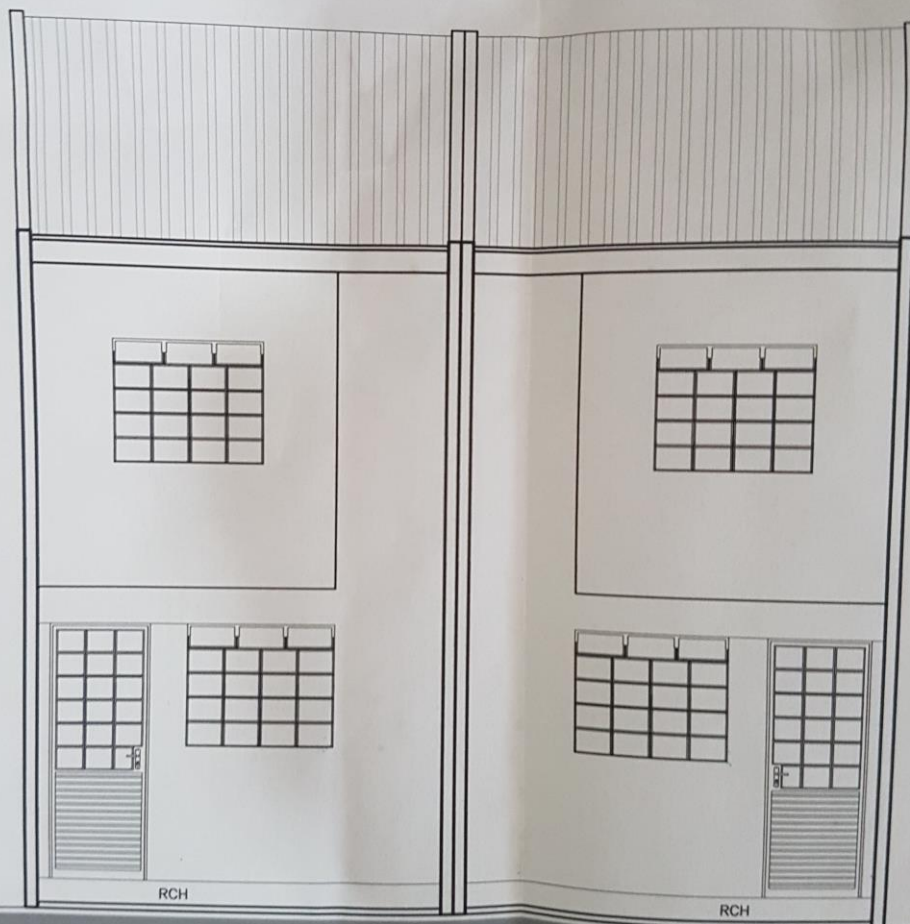
| | |
|-----------------------------------|----------------------|
| DIVISÃO DVAU | PRANCHA |
| PROJETO ANELISE | 01 |
| DESENHO DVAU | |
| ESCALA INDICADAS | DATA CRIAÇÃO 2011 |
| NOME DO ARQUIVO MBP 43 Sobrado | |

| | |
|-----------|-----------------------------|
| HISTÓRICO | DATA PLOTAGEM: 15/06/2011 |
| | DATA SAVE: 09/06/2011 |
| | LOGIN DA ÚLTIMO SAVE: Regis |

QT. 03 01 01 S.



ÁREA CONSTRUÍDA DO PAVTO.....23,10m²
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA.....43,75m²

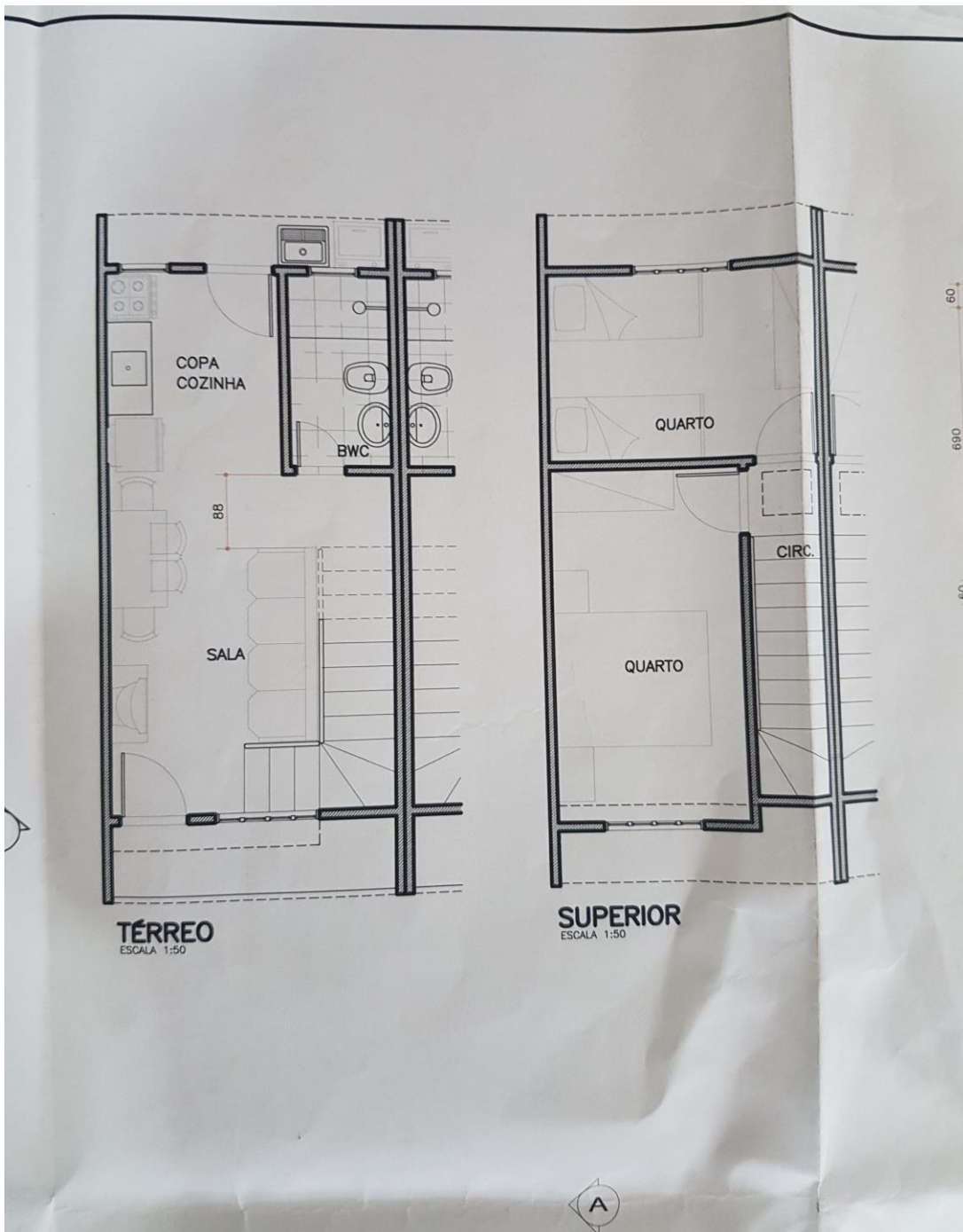



ELEVAÇÃO FRONTAL

ESCALA 1:50


FICAÇÕES/ACABAMENTOS

ESPECIFICAÇÕES/



| PROFISSIONAIS — COHAPAR | | | | | | | | | |
|--|---|--|---------------------|-----------------|-----------------|--------------------|-----------------------|-----------------|-------------------------------|
| MORAR BEM PARANÁ |  Heloisa de Souza Arquiteta CAU-A 15732-5 | COHAPAR Companhia de Habitação do Paraná | | | | | | | |
| ANTONINA CAMPO DO BATEL | <table border="1"><tr><td>REGIONAL ERCT</td><td>PRANCHA 01 01</td></tr><tr><td>DIVISÃO DVAU</td><td>ESCALA 1:500</td></tr><tr><td>PROJETO HELOISA</td><td>MÊS ANO MAR 2011</td></tr><tr><td>DESENHO DVAU</td><td>ARQUIVO ANTONINA_BATEL.DWG</td></tr></table> | REGIONAL ERCT | PRANCHA 01 01 | DIVISÃO DVAU | ESCALA 1:500 | PROJETO HELOISA | MÊS ANO MAR 2011 | DESENHO DVAU | ARQUIVO ANTONINA_BATEL.DWG |
| REGIONAL ERCT | PRANCHA 01 01 | | | | | | | | |
| DIVISÃO DVAU | ESCALA 1:500 | | | | | | | | |
| PROJETO HELOISA | MÊS ANO MAR 2011 | | | | | | | | |
| DESENHO DVAU | ARQUIVO ANTONINA_BATEL.DWG | | | | | | | | |
| PROJETO DE URBANIZAÇÃO IMPLANTAÇÃO / SITUAÇÃO | | | | | | | | | |

ANEXO C – CARTA DE DOAÇÃO DE TERRENO POR PARTE DA PREFEITURA MUNICIPAL (1956), DADO DISPONIBILIZADO PELO ARQUIVO MUNICIPAL DE ANTONINA

 **ESTADO DO PARANÁ**

N. 249 Prefeitura Municipal de Antonina

Carta de data passada a
Francisco Rodrigues dos Passos
O Prefeito Municipal de Antonina

FAZ saber aos que a presente Carta viram, que, a Francisco Rodrigues dos Passos, he concedido 300 (trezentos) metros de frente ao Logar denominado Laranjeiras com 44,00 (quarenta e quatro) metros de fundos de terrenos urbanos para edificar, os quais se dividem com terrenos de quem pertencer, tudo de acordo com o requerimento protocolado sob o nro 459 de 25 de Setembro de 1956, ficando ressalvado o direito à Prefeitura Municipal de Antonina, sobre alinhamento da parte tocada, se for necessário para utilidade pública.

mandando passar a carta requerida depois de pagar o imposto devido, não podendo prosseguir na edificação sem preencher as formalidades prescritas no Art. 20 da legislação em vigor das posturas em vigor. Em consequência do que se passa a presente carta de terrenos urbanos a Francisco Rodrigues dos Passos.

afim de nele edificar a propriedade que he convier no prazo estipulado ~~na lei~~ em lei mais disposições das referidas posturas, sob pena de ser concedido a outrem que para o mesmo fim requerir, sendo obrigado a prosseguir na obra até final conclusão e observar restritamente o padrão adotado pela Câmara na forma da lei, não podendo do mesmo terreno fazer venda, alienação, transação ou qualquer outra transmissão sem ciência ou consentimento da Câmara, para ser requerido novo título.

E para constar lavrei a presente carta de data.

Secretaria da Prefeitura Municipal de Antonina, 25 de Setembro de 1956
Eu José Maria de Carvalho, Secretário,
Cauferi

O PREFEITO
Sobrinho

Foi transferida ao Sr. Jorge Laues, de acordo com o despacho do Sr. Prefeito Municipal, um requerimento protocolado sob o n. 559 de 24/10/57, em data de 13/11/57
Secret. em 18/11/57
J. M. Carvalho - Secretário